

# cena's

publicação cultural



**O teatro implica reflexão,  
raciocínio, fruição,  
prazer estético.**

/ entrevista com Joaquim Benite / p.3

**Nenhum gesto,  
nenhum destino é breve,  
porque em todos  
estão inquietas asas...**

/ Julieta Aurora Santos / p.16

**O despique da pombinha  
no barranco do Martinelo**

/ João Madeira / p.22

**04**

Outono / Inverno 2004

Vila Nova de Santo André

## EDITORIAL

Mais tempo, bastante mais tempo depois que prevíamos, Cena's está de volta. Resistiu ao verão e ao retomar do ciclo anual que se lhe seguiu. Entre incidentes vários foi dando forma e sentido ao esquisso com que a partir do número anterior a pensámos.

Quisemos, por um lado consolidar o lastro que transportávamos – a entrevista, agora com Joaquim Benite, a falar-nos da arte e da política, da ética e da cidadania, do amor à vida e à arte, da força da palavra e da expressão. Também os sentidos no ler, no ouvir e no ver com revistas, sons e paisagens. E a poesia do Rogério Carrola com Paredes e Sophia pairando num universo de agora e de sempre. Ou as Photo-histórias deixando impressos ecos e imagens da serra com gente nela, como que a querer contrariar o esgarçamento das memórias sociais. Mas fomos, por outro lado, desafiando e tecendo novas linhas a partir de outras formas de olhar a paisagem e as marcas nela deixadas geração a geração. Marcas por vezes tão

incrustadas na própria paisagem que se foram tornando quase indistintas partes dela mesmo. Trouxemos a estas páginas tanto os muros de pedra como a valorização dos saberes-fazer de recônditas periferias, resistindo contra o tempo através desse espantoso projecto que é o Cabaz da Horta, tornado realidade com a persistência das gentes do lugar e o entusiasmo da Taipa, de Odemira.

Quisemos por isso que o Cabaz estivesse nas Teóricas & Práticas por direito próprio e ao mesmo tempo que ombreasse com a tenacidade criadora, feito de resistência, de alegria, de afecto e de emoção com que o Teatro do Mar se construiu a si próprio, aqui trazido pela escrita reflexiva e entusiástica da Julieta. Mas, se nas vinte e oito páginas desta Cena's 4 se combina o lastro de que falávamos com novos objectos e novos olhares, o caminho que aí desembocou continua a ser o do desprendimento, do prazer e do empenho num projecto colectivo

### Propriedade

AJAGATO  
Associação Juvenil Amigos do GATO

### Colectivo de Redacção

João Madeira  
Mário Primo  
z.dado

### Colaboram neste número

Carla Chainho  
Carlos Sobral  
Julieta Aurora Santos  
Luís Manuel Filipe  
Helder Guerreiro  
Hugo Lopes  
Maria Afonso  
Martins Quaresma  
Nuno Silva  
Rita Amado  
Rogério Carrola  
Rui Martins

### Concepção Gráfica

Paginação  
Pedro Dias

### Periodicidade

Semestral

### Impressão

Tipografia Avenida

### Tiragem

1200 exemplares

### Custos

Cena e meia

### Contactos

AJAGATO / Centro de Actividades Pedagógicas  
Alda Guerreiro / 7500 - 160 Vila Nova de Santo  
André / Tel. 269 744 344 / Fax 269 758 167  
[www.gatosa.com](http://www.gatosa.com)  
e-mail: [cenas@gatosa.com](mailto:cenas@gatosa.com)  
e-mail: [geral@gatosa.com](mailto:geral@gatosa.com)

## SUMÁRIO

**3,4,5,6 / bocas de cena / “O teatro implica reflexão, raciocínio, fruição, prazer estético” entrevista com Joaquim Benite / Rita Amado / 7 / patrimónios / Os muros da nossa paisagem / Carlos Sobral / Muros e valados da nossa memória / Martins Quaresma / 8,9 / descritas / Guitarra de redes / Filosofia / Rogério Carrola / 10 / vemos / Luís Manuel Filipe / 11 / ouvimos / Hugo Lopes / 12 / lemos / Maria Afonso / 13 / em cena / z.dado / 14,15 / cenários / Perdido na tradução / Nuno Silva / 16,17 / teóricas e práticas / Nehum gesto, nenhum destino é breve, porque em todos estão inquietas asas / Julieta Aurora Santos / 18,19 / a preto e branco / Rui Martins / 20,21 / teóricas e práticas / De um cabaz da horta e de uma relação de cidadania entre produtores e consumidores / Helder Guerreiro / 22,23 / photohistórias / O despique da pombinha no barranco do Martinelo / João Madeira / [pag.cent](http://pag.cent) / [aqui há gato](http://aqui.ha.gato) /**



# // O teatro implica

**reflexão,  
raciocínio,  
fruição,  
prazer  
estético //**

Com a fundação do Grupo de teatro de Campolide em 1971, Joaquim Benite passa da crítica teatral no Diário de Lisboa a encenador, estreando-se com a peça "O Avançado de Centro Morreu ao Amanhecer". Em 1978, já como estrutura profissional, o grupo muda-se para a margem sul, assume a designação de Companhia de Teatro de Almada e mantém desde então uma intensa actividade teatral, que soma mais de oitenta produções no currículo. Paralelamente a este trabalho como encenador, Joaquim Benite cria e dirige há vinte anos o Festival de Teatro de Almada que é hoje um acontecimento de prestígio nacional e internacional.



## O que me levou a procurar o teatro foi o interesse pela vida, pela arte e pela História.

### Vejo-me mais como um criador que tem ideias políticas, mas que vive fora da lógica da política

A frase é sua: “dizer o que é necessário em vez do que é verdadeiro” (in “Pública”). É um manual de sobrevivência na conjuntura actual?

Repare, essa frase insere-se numa resposta a uma pergunta que me foi feita, e que incidia sobre o que era preciso para se ter habilidade política. A resposta foi dada nesse contexto, e sublinhava, precisamente, que era difícil a um artista ser um político, dado que uma das condições da arte é a genuinidade. Desde Rousseau que a sinceridade na arte é uma categoria estética antes de ser uma categoria ética. O artista procura sempre ser verdadeiro, ainda que nem sempre isso pareça o mais necessário do ponto de vista político. Um criador tem, naturalmente, ideias políticas, mas não está subordinado, como muitos políticos, de acordo com a política a que hoje assistimos, às regras da intervenção imediatista. Vejo-me mais como um criador que, sim, tem ideias políticas, mas que vive fora da lógica da política, no sentido em que ela é, hoje, geralmente considerada. De maneira nenhuma defenderia que o teatro deva assumir-se como algo que não fosse a procura da verdade.

Que papel catalisador de tomada de consciência pode ter o teatro na sociedade contemporânea?

Na tradição Ocidental, greco-latina, o teatro é feito fundamentalmente para a comunidade, enquanto fórum de debate de ideias. Penso que esta é a nossa grande tradição, e creio que o teatro continuará a ter essa vertente de reflexo social, de levar as pessoas a pensarem sobre as diversas dimensões da consciência e da acção humanas.

“Teatro” e “educação” são palavras que deviam caminhar juntas nas frases?

Não me parece que o teatro seja uma forma de educação. O teatro não é uma pedagogia, mas sim uma forma de arte e, naturalmente, como todas as formas de arte, implica reflexão, raciocínio, fruição, prazer estético. Não me parece, portanto, que a sua função seja a de substituir as escolas ou a de ser um instrumento de educação. Devemos, porém, ter em conta que toda a cultura está relacionada com a educação.

Parece-lhe que cada vez mais o teatro deve afirmar o seu papel político?

O teatro sempre foi político, uma vez que sempre se referiu à “polis”, à cidade. Nesse sentido, o papel político do teatro é uma condição da sua existência. É evidente que quando digo que o teatro é político não estou a dizer que ele deva ser alinhado com uma ideologia, ou uma filosofia de interpretação global do Mundo. Quero sim dizer que se trata de um teatro interessado na História, na vida do dia a dia, e interessado nos problemas que a Humanidade enfrenta.

Como é que se foi desenhando o seu percurso pelo universo do teatro?

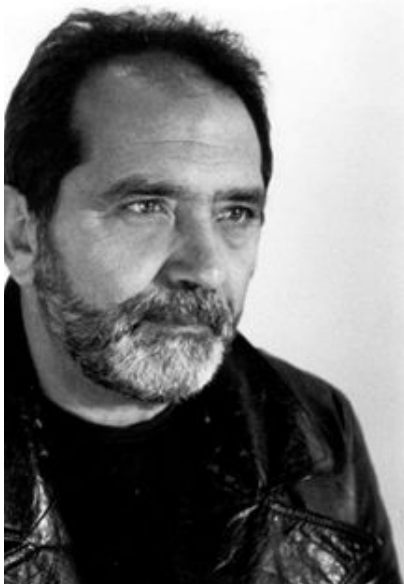
Comecei por ser crítico e, após alguns anos desta actividade e do estudo do fenómeno teatral, resolvi passar à prática. Quis abandonar uma relação com o teatro meramente teórica e tentar aplicar na prática as concepções e ideias que me foram surgindo através desse percurso evolutivo.

Que fantasmas pessoais, sociais ou políticos o atormentavam de modo a que se sentisse direccionado ou destinado a comunicar, modificar, fazer algo por intermédio do teatro?

Não creio que se tratasse de fantasmas. O que me levou a procurar o teatro foi o interesse pela vida, pela arte e pela História. São elas que estão no centro da actividade teatral. Naturalmente também estava interessado no teatro enquanto forma de expressão particular e muito rica, e para a qual confluem muitas disciplinas artísticas.

O que é que o teatro tem de tão satisfatório e pleno que o possa distinguir das outras artes? Tem a força da palavra?

O teatro tem a força da palavra e a força da expressão. No teatro a palavra funciona com uma multiplicidade de sugestões e estímulos. Não se trata tanto da palavra em si, entendida como o texto literário, mas da palavra enquanto expressão integrada, orgânica, de um pensamento, de uma filosofia, de uma poesia. Gostaria que uma imagem produzisse o efeito de um discurso textual e que uma palavra levasse à criação de muitas imagens. O que conta sempre é o conceito.



**Creio que os valores estéticos, artísticos e do pensamento são fundamentais para o desenvolvimento humano**

Acha que o trunfo da palavra tem sido negligenciado por alguns agentes do teatro?

Esse não é, propriamente, o problema. O que tem sido negligenciado é uma certa forma de pensamento e reflexão sobre as coisas. No teatro não é possível não haver texto. Todo o espectáculo é um texto, seja ele um texto literário adaptado à linguagem cénica, seja um texto escrito directamente na gramática cénica: a gramática dos movimentos e dos sinais cénicos. É verdade que uma imagem pode atrair-nos e emocionarnos, mas pode, ao mesmo tempo, de certo modo, preencher totalmente o nosso espaço de “imaginário”. A palavra implica uma outra relação. Funciona como um estímulo à imaginação e ao pensamento: é susceptível de desenvolver o nosso imaginário. Muitas vezes a imagem é uma forma de nos prender a uma síntese da qual não podemos fugir.

Qual o tipo de teatro que, na sua opinião, pode ser útil ao momento sociopolítico em que nos encontramos?

Eu nunca penso que tipo de teatro pode ser mais útil. O teatro é uma actividade inerente à vida e à acção humanas. Não se trata de saber que tipo de teatro é mais útil. O que é útil é que haja teatro, que seja diversificado, e que reproduza o maior número de ângulos pelos quais é possível interpretar a vida ou a ela aludir.



Qual a corrente de teatro que mais aprecia? Considera-se um “brechtiano”?

No século XX houve muitas correntes teatrais que estimularam o pensamento e colocaram muitas questões acerca do próprio acto teatral. Naturalmente que a contribuição de Bertolt Brecht para este pensamento é extremamente importante e faz-nos reflectir acerca de um grande número de coisas. Só que na Arte não há verdades absolutas e perenes. As coisas estão constantemente a mudar, e constantemente nos reposicionamos relativamente ao nosso próprio Universo. Evidentemente que a teoria de Brecht teve bastante influência na minha actividade, mas não foi a única. Outras teorias, aparentemente contraditórias com ela, também hoje têm influência na minha forma de trabalhar no teatro. O problema central é que haja seriedade na pesquisa e que o trabalho que se faz não seja diletante na apropriação de conhecimentos distintos. Pelo contrário, o trabalho deve basear-se numa constante tentativa de síntese e organização das diferentes contribuições teóricas disponíveis.

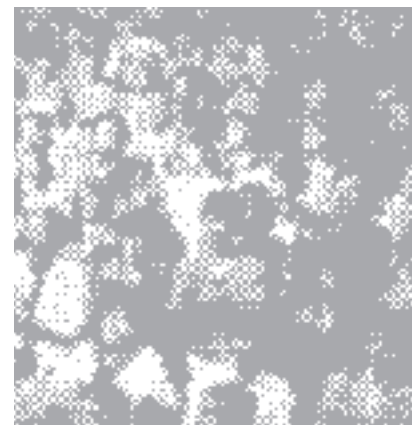


Para além do aspecto óbvio do rendimento, faz alguma distinção entre teatro amador e teatro profissional? A nível dos propósitos que os movem, há alguma diferença?

O problema não está no facto de o teatro ser profissional ou amador. O problema está na Arte. Há objectos do teatro amador que são, desse ponto de vista, muito ricos e complexos. E há objectos do teatro profissional que o não são. Trata-se sempre de detectar a qualidade artística, a originalidade e o tipo de relação que se estabelece com o público, bem como a sua eficácia.

Embora Almada ainda seja um microcosmos no universo do teatro, há o projecto bem arquitectado de levar o teatro às escolas. Qual o principal objectivo desta acção?

O contacto dos jovens com a arte é uma forma de melhorar a inserção social e de permitir uma formação mais completa. Creio que os valores estéticos, artísticos e do pensamento são fundamentais para o desenvolvimento humano na sua plenitude.





O Festival de Almada começou por ser uma reunião de amadores. Que caminho e lutas tiveram de ser travadas para que o festival chegasse ao ponto em que se encontra hoje?

É evidente que há sempre muitos obstáculos a ultrapassar, muitas dificuldades a vencer, mas é muito difícil, numa resposta sintética, fazer a história de vinte anos de trabalho. Fundamentalmente, creio que é sempre necessário ter em mente a noção de que não se atingiu nenhuma meta. É preciso exigir sempre mais e desenvolver as coisas à medida que nós próprios nos desenvolve-os.

Que opinião tem sobre a descentralização do teatro? É possível construir e brilhar fora das grandes cidades?

É possível. Alguns dos mais prestigiados teatros da Europa não se situam nas grandes cidades mas nas periferias e na província. É evidente que nas grandes cidades há mais facilidades para a criação de grupos de teatro e organização de espectáculos mas isso não impede que muitas das experiências mais significativas do século passado tenham sido feitas fora das grandes cidades. O problema está sempre na qualidade artística dos projectos.

À semelhança do que vem acontecendo na Europa, parece-lhe que estamos também a tender menos para a sofisticação dos meios, atribuindo mais importância ao texto? O que continua a procurar no teatro?

Do meu ponto de vista, o problema não se põe assim. O teatro moderno está mais consciente, talvez, da acuidade e da importância de problemas que afectam todo o planeta. Por isso é natural que inclua essas preocupações no seu discurso. Não se trata propriamente de estar mais ou menos no texto. Trata-se de transmitir no teatro um certo número de preocupações que numas épocas são mais evidentes e noutras ficam mais atenuadas.

## CENA IMEDIATA

**Actor** O que actua de uma forma elaborada e artística.

**Actriz** A mesma coisa que actor.  
**Encenador:** Uma espécie de chefe de orquestra que tem de criar a harmonia de um grupo.

**Som** Mais um dos elementos de construção de atmosferas existente no teatro.

**Livro** Instrumento insubstituível para o desenvolvimento do pensamento.

**Virtude** Um problema dos virtuosos.

**Defeito** Depende de a quem perguntardes.

**Medo** Inerente à pessoa humana.  
**Psicose:** Quase todos nós o somos (psicóticos).

**Superstição** Não sou (supersticioso).

**Cheiro** Elemento importante da estética.

**Personagem** É algo que não existe. Existe sim um discurso sobre ela.

**Ética** Depende de a quem perguntardes.

**Estética** Uma fonte de prazer.

**Frase** “Tudo é bom, e quanto mais melhor” (Sancho Pança em “Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança”, de António José da Silva, O Judeu).



## OS MUROS DA NOSSA PAISAGEM

Por Carlos Sobral

Quando viajamos pelas várias estradas secundárias do interior, por vezes não nos damos conta da presença de muitas porções de terreno murado, realizado com o propósito de proteger da cobiça de vizinhos e animais as culturas que até há algumas décadas se praticavam no seu interior.

Situados, sobretudo, na periferia de aldeias e lugares ainda hoje marcam a paisagem, com a beleza e imponência própria dos materiais

frustes que integram e que eram recolhidos perto dos locais a murar e logo aí trabalhados e transformados. Assim, falar deste tipo de muros é falar necessariamente de muros de taipa e de xisto.

Os primeiros utilizavam no seu fabrico, sobretudo, a terra e as taliscas compactadas, enquanto os segundos, os de xisto ou cisto, utilizavam pedras arrumadas e empilhadas meticulosamente, na maior parte das vezes sem qualquer argamassa que as ligasse entre si. Em muitos casos até se incluíam técnicas mistas na feitura dos muros. Uma parte de taipa e outra de xisto, formando como que retalhos. Era assim que se fazia. No nosso pequeno país estas manifestações de construção tradi-

cional e milenar são, porém, para abandonar ou destruir, optando-se pela utilização de materiais mais recentes e que aparentemente oferecem maior resistência e um discutível enquadramento estético. Como em quase todas as matérias, contrariamos o disposto em países sensíveis a estes problemas, como a Irlanda ou o Reino Unido, onde os muros tradicionais são objecto de cuidados e de conservação, inclusive para criar excelente fotografia nas séries televisivas ou para promover estratégias de marketing com vista à promoção turística desta ou daquela região.

Cá não, opta-se pela negação da harmonia entre o meio ambiente e a tradição de construção.



## MUROS E VALADOS DA NOSSA MEMÓRIA

Por Martins Quaresma

A apropriação económica do espaço é um processo que o homem vai realizando ao longo do tempo e em que vai transformando e humanizando a paisagem, ao ponto de hoje não existirem verdadeiras “paisagens naturais”. Na realidade, o “natural” é uma categoria cultural, e bem pode dizer-se que na natureza já nada é natural.

A característica rede de pequenas explorações intensivas, produtoras de hortícolas (e também de cereais,

de vinha, de olival), que rodeavam muitas povoações neste Sul semi-mediterrânico e alimentavam a sua população e que surgiam também, em pequenos oásis, no interior propício da grande propriedade, deixaram vestígios no território e na nossa memória.

Cercadas de sebes vivas – os valados de canas, silvas, piteiras, seiceiros, aroeiras, marmeleiros – frequentes em zonas sob influência marítima, ou de muros de pedra ou taipa, muitas vezes “bardados”, isto é encimados de mato ou cortiça para melhor protecção, estas explorações são o contraponto da grande herdade aberta, florestal e extensiva. São habitualmente, nesta região do ocidente alentejano chamadas

“cercas”, mas também há os “ferragiais”, e as “hortas” e “quintas”, estas com uma conotação por vezes algo afidalgada. As cercas, elementos de um espaço rendilhado que, numa espécie de tendência não terminada para a miniaturização, possuem ainda, no seu interior, os “cerquinéus”, cerquinhas, onde está o poço ou o “pego”, especializadas nas culturas mais mimosas.

Com frequência a expansão urbanística das povoações, sobretudo no litoral, vai submergindo, ou submerge de uma vez, estes espaços laboriosamente criados pelo esforço continuado de gerações, restando deles cada vez mais uma memória desencantada ou indiferente, uma imagem lentamente mais esbatida.

## GUITARRA DE REDES

Colocai-lhe a guitarra ao lado,  
com amor.  
Que a sua alma, ao subir,  
já estará a compor.

Não estais a ouvir?

A luz branca da cidade  
envolta no manto  
que sempre cobriu este país  
e vestiu a alegria do dia  
do nosso espanto?

O vento de Lisboa, agora a amanhecer  
pelas memórias feridas  
e a sopa dos Anjos a descer  
nas nossas barrigas?

As deusas entornadas do sonho da fé  
subindo a custo o Bairro Alto  
e lá bem escondidas na nota ré  
enquanto devagar pisam o asfalto?

Não ouvem a voz do Pide, imbecil,  
pelos gestos loucos das mãos?  
A compor? tu a compor?  
Só se for o teu covil.

Não sentis na pele o pêlo, a corda,  
a corda dó, sobretudo, começando o acabado  
que tange, range, confrange e foge  
como se dissesse o destino ou  
o nosso futuro

já passado?  
E as tágides balbuciantes do Rio  
tão entrelaçadas na nossa liça  
como se tudo fosse um Rossio  
de seara e dança, de bem e de justiça?  
Pela tarde mais silenciosa deste país,  
sempre a caminhar para o nevoeiro  
que quereis ouvir senão os sons do infinito?

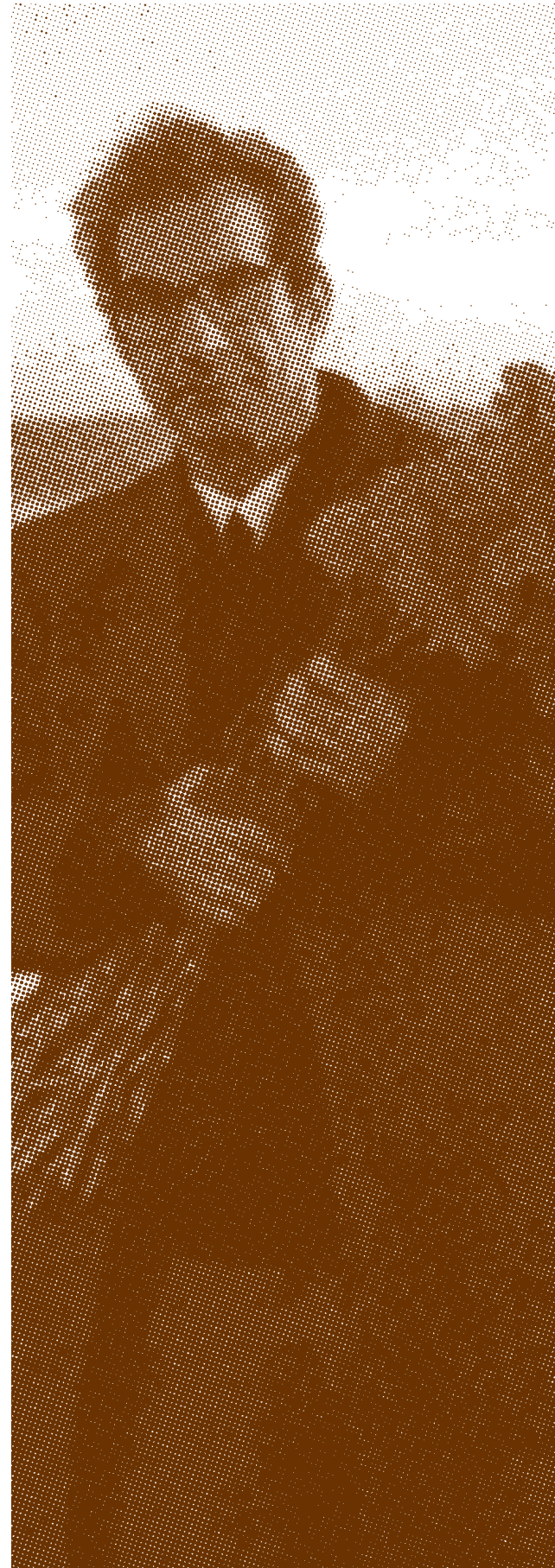
Descem há séculos pelo Castelo  
e entranham-se pela origem das trovas  
até à margem de lá, onde,  
tangendo pão e cebolas, os Cacilheiros  
os empurram devagar para os eléctricos  
adormecidos que estão ainda,  
os passageiros.

Não fosse essa guitarra acordá-los  
num bocejo de transparência medieval  
e acreditariam  
que estavam em Portugal.

Mas gemem e revoltam-se  
nas malhas das suas redes  
estas parcelas de ossos de gente  
que se prolongam nas cordas e dedos  
do Paredes.

Colocai-lhe depressa, vá, a guitarra ao lado,  
com amor.  
Que a sua alma, ao subir,  
já estará a compor.

Não estais a ouvir?





## PHILOSOPHIA

*A voz sobe os últimos degraus  
Oíço a palavra alada impessoal  
Que reconbeço por não ser já minha.*

*Sophia de Mello Breyner Andresen*

O que se ouve aqui, à beira deste mar  
onde me encerro,  
é o grito puro e cheio da voz dos deuses  
como se de repente eu e o mar pertencêssemos  
a um grande e vazio desterro.

A selvagem exalação das ondas  
arrasta para o sul toda a cidade  
enquanto um perfume antigo  
vai dando um novo nome às coisas.

Ouve-se por dentro todo o sabor  
da poesia  
e os deuses descem num barco espalhando  
um canto cavo e azul sem ninguém a ouvi-lo  
a não ser o sol e eu, que o vou buscando.

Talvez não esse sol no alto, fundo, enorme, aberto  
mas outro, dentro da alma, vincando o tempo,  
esse Todo abstracto,  
tornado concreto.

Só agora o mar se inclina para o vazio  
ou simplesmente para uma breve ausência.

Só agora se dá conta do enorme deserto  
e inventa no meu rosto uma agonia.

Alegre, surge um desejo de palavra  
feérica, simples e originante  
de toda a magia.

Subo a sombra desta varanda em latada  
de uvas e figos  
reluzentes nas folhas verdes de maresia  
e a brisa escreve a palavra paz  
que se pressente noutra palavra,  
essa, que inicia a verdade  
e a poesia.

Nas escadas brancas da praia do Monte Velho  
o sol serpenteou as sombras  
como se a mão escrevesse  
toda a brancura do sul.

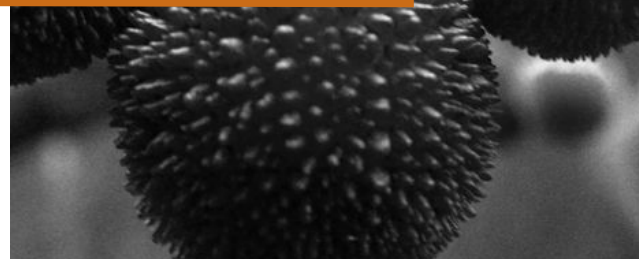
E uma vez mais o pequeno deus me pergunta:  
Porque é que choras, diz, porque é que choras?

E eu lhe respondo, a sorrir:  
Porque o mar é azul, porque o mar é azul.

*Vila Nova de Santo André, Praia do Monte Velho,  
5 de Julho de 2004*

**vemos**

&gt; Luís Manuel Filipe



## AS LIGADURAS DO HOMEM INVISÍVEL OU À DESCOBERTA DO MEDRONHEIRO

Nasci e vivi em Lisboa até aos vinte anos e apesar de todas as árvores espalhadas nos jardins onde brincava e das ruas por onde passei, só consegui aprender o nome de meia dúzia delas.

Há cerca de dois anos, a minha filha ofereceu-me a sua antiga bicicleta e com ela passei a visitar a Serra de Grândola todos os fins de semana: saída ao fim da manhã, mochila com bastante água e almoço, mais lanche nos dias longos de verão, máquina fotográfica à cintura, e regresso ao pôr-do-sol, com muitas subidas esforçadas e descidas alucinantes de gozo, e imensas fotos de flores, paisagens e fontes.

A primeira vez que me apercebi da sua existência foi ao ler um cartaz, perto de Santa Margarida da Serra, à beira da Ribeira de Grândola, onde parara para almoçar as minhas habituais sandwiches de ovo mexido. Nele podia ler-se: “É proibido apanhar a rama do medronheiro”. Olhei à volta, a ver se vislumbrava alguma árvore ou arbusto, mas desisti, era como se olhasse para um capô aberto a tentar encontrar uma peça de que apenas sabia o nome mas não sabia onde encontrá-la. Do medronho sabia pouco. Lembra-me de uma história que ouvira quando era menino em que entravam rapazes que tinham comido muitos e que à noite estavam com a má disposição típica dos embriagados, mas não tinha a certeza de terem sido medronhos ou abrunhos. Ainda me chegou à memória, talvez puxada pela curiosidade investigadora que utilizo em momentos parecidos, a imagem de uma taça de vidro que vira na livraria Lugar das Letras, após ter escutado alguém falar sobre livros que escrevera. Lembrei-me de ter tirado de lá uma esfera vermelha, que observei atentamente, antes de lhe dar uma pequena dentada, de modo a não só poder ver-lhe o seu interior, como também a ter a possibilidade de engolir pouco, caso não gostasse. Lembrei-me da pele que parecia

coberta de pequenas esferas e de um gosto não muito doce, mas que me permitiu acrescentar mais um nome à lista dos frutos de que gosto. Só não tinha a certeza do nome: Medronho ou Abrunho.

Fui à net à procura do nome do ser vegetal cujo fruto eu tinha comido e do qual não se podiam apanhar as ramas. E lá o encontrei. Era medronho e nascia de um arbusto chamado medronheiro em português. Para me facilitar a distinção com o abrunho passei a pensar no Pedro Abrunhosa. E fiquei por aí nesse dia.

Num fim de manhã de Verão do encalorado Julho, após ter empurrado a custo a bicicleta até ao cimo de um monte e enquanto descansava bebendo muita água para recuperar, reparei num arbusto que havia ali, de que estavam penduradas umas esferas amareladas a tenderem para o vermelho. Apercebi-me de que eram medronhos ainda não amadurecidos e tentei encontrar características que me permitissem reconhecer outros medronheiros: o caule com riscas longitudinais, as folhas com serrilha, a sua estatura não muito alta. Fiquei todo contente por achar que já sabia encontrar os medronheiros de ramas intoxicáveis. O Verão acabara e o Outono ia a meio, quando li num folheto sobre um percurso sinalizado que percorria a Serra, da existência de um vale onde abundavam os medronheiros. E lá parti, no fim-de-semana seguinte, à procura do vale perdido. Andar de bicicleta por caminhos da Serra exige um cuidado constante para evitar quedas, sempre dolorosas, e por tal, olha-se mais para o chão do que para as árvores, principalmente quando o caminho se torna muito complicado em altos e baixos, regos fundos e pedras a ultrapassar. Ia eu muito bem, no que pensava ser o vale procurado, quando vislumbrei no chão alguns medronhos. Comi os mais limpos pois considerei que já deviam estar maduros e, enquanto saboreava a complexidade

do seu sabor, olhei para cima à procura da origem dos frutininhos esféricos. E lá voltei a encontrar o medronheiro. Confirmei o caule e as folhas e condiziam com o esperado. Mas nessa observação mais apurada, reparei em algo que não tinha visto da primeira vez. Penduradas também dos ramos, que não se podem apanhar, estavam agora também um cachos de pequeníssimas flores em forma de sinos, de uma cor esverdeada fluorescente, que eu comparei à cor usada nalguns plásticos que vira numa feira de artigos de pesca.

Achei piada àquela espécie, em que os frutos são anteriores às suas flores. Continuei a comer os frutos mais vermelhos que se desprendiam facilmente do seu pé, bastando para isso, um pequeno puxão carinhoso, mas não comi muitos, pois só me vinha à memória a história que ouvira em pequeno.

A partir dessa nova observação, fiquei mais rico em conhecimento sobre o medronheiro que me dava tão estranhos frutos. Já podia identificá-los ao longe. Bastava procurar uns arbustos que, agora, tinham adquirido uma nova cor, e que, de verde, como tudo o que estava à sua volta e os tornavam invisíveis, passavam a ser matizados com um claro verde amarelado.

Até aos princípios do Inverno do meu contentamento, observei que a estrada que percorria todos os dias através da Serra, estava ladeada de medronheiros em que nunca tinha reparado, apesar de sempre terem estado à minha frente. Não precisava ter ido ao cimo de montes difíceis de subir, nem a vales complicados de encontrar. Estiveram sempre à minha frente, mas invisíveis. Bastou aparecerem as pequenas flores e ficaram visíveis no seu esplendor. Por vezes, são as pequenas coisas, que passam despercebidas aos olhares mais apressados, aquelas que nos podem dar prazeres maiores.



Foto: Sofia Pedro

## ISTO ANDA TU DOLIGADO?

- 20/07/1990?

Não pode ter sido há tanto tempo! Mas as assinaturas estão cá: Mário Primo, Helena Rosa, Nuno Silva, Raul oliveira, Patrícia Amoroso, Carlos Mota e Carla Glaziou. No livro “Mazurca para dois Mortos” do Camilo José Cela.

Meus queridos amigos! Sabem que levei uma década, nem mais nem menos, para descobrir o que era afinal uma Mazurca e perceber que já tinha escrito uma para as “Sopinhas de Mel”?

Como se nos tivéssemos conhecido sem nunca nos apresentarmos e poder finalmente dizer os vossos nomes ao vê-los escritos nesta folha de papel.
- É inexplicável mas é mesmo assim: podemos nem andar obcecados com a ideia de a encontrar mas quando estamos ali, diante dela, sabemos que aconteceu.

Pode ser a mulher ideal, a casa ideal, o recanto mais bonito da praia... E é verdade que, salvo alguns equívocos, sabemos sempre quando a encontramos.

Foi assim com a concertina (ou melhor o “Acordeão Diatónico”, não vá o Prof. Matono ler estas linhas): Toquei-lhe uma vez e colou-se-me ao corpo.
- Abro o fole do acordeão até ao limite dos meus braços. Inspiro.

Olho de relance os pares na sala, os dançarinos.

E quando sinto que os meus dedos já não aguentam mais, este meu corpo dilatado, suspenso, solta-se numa Mazurca.

Estou sentado no meio da sala da cooperativa Mó de Vida, no Pragal. Lá fora um cristo petrificado contempla Lisboa à distância do Tejo.

Enquanto os pares rodopiam na sala, à minha volta, lembro os vossos nomes numa folha de papel.

Foi mesmo há catorze anos...

E não consigo deixar de sorrir.

**Francisco José Cela**  
[www.fundacioncela.com/](http://www.fundacioncela.com/)

**Acordeão diatónico**  
[www.attambur.com/  
 instrumentos/attambur/  
 concertina.htm](http://www.attambur.com/instrumentos/attambur/concertina.htm)  
[www.diato.org/](http://www.diato.org/)

**Mó de vida – Cooperativa de Comércio Justo**  
[www.modevida.com/](http://www.modevida.com/)



## SENTIDOS PERIFÉRICOS

Foi por um artigo da revista do jornal espanhol “El País”, acerca de um certo Portugal emergente (talvez só visível de fora), que tomei, pela primeira vez, conhecimento da existência da *Periférica*. Uma revista de vocação cosmopolita, dizia-se, editada em Vila Pouca de Aguiar mas aguardada com impaciência nos círculos culturais urbanos (o que, no tal Portugal emergente, se reduz a Lisboa e ao Porto), que havia “convulsionado a cultura e modificado a geografia estabelecida”, já conhecida como a *New Yorker* portuguesa. Tais atributos despertam a curiosidade de qualquer um. Se outras razões não houvesse, a rotura das fronteiras clássicas (e cada vez mais absurdas) entre o centro e a periferia, a prova do descrédito do lugar-comum que afirma que a cultura, com maiúscula, exige concentração de meios e de actores culturais, seria já motivo de interesse. Mas há outras (boas) razões para ler a revista.

A *Periférica* é publicada ao ritmo de uma revista por estação e tem também uma edição online. Cumpriu recentemente o seu segundo aniversário e o seu sucesso resume-se, segundo a própria, a uma tiragem de 1000 exemplares. É certo que passou também a ser distribuída pela rede nacional de bibliotecas, mas se o facto é sinal de reconhecimento institucional, não deixa também de ser sinal da reduzida dimensão que pode atingir a convulsão cultural gerada por uma revista literária, no contexto nacional. Aqui, os responsáveis pela revista relativizam; é um êxito à escala. Afinal, não diz o povo, que quase não lê, «Em terra de cegos, quem tem olho é rei»? A *Periférica* não se cansa, por isso, de criticar e maldizer o cenário do seu êxito. Não como quem se queixa de uma maleita crónica a que já se habituou, mas como quem reclama, insatisfeito,

porque deseja ser protagonista de mudança. Este é aliás um dos assuntos recorrentes dos editoriais e dos artigos, da autoria dos redactores, publicados na secção «a oeste nada de novo».

“Não caros leitores, a *Periférica* não está satisfeita consigo mesma nem com o país. Não está ofuscada com o mediatismo, porque não existe mediatismo quando se sai apenas fugazmente das fronteiras de Portugal (...).

Dois anos e ainda não produzimos «a nova narrativa portuguesa» (por isso a procuramos fora de portas).” (Editorial do Nº 9 da *Periférica*)

Quando se lê a revista pela primeira vez, tem-se a impressão de reconhecer o estilo das velhas polémicas literárias, por força do gosto pela própria polémica, do exercício constante da ironia e da auto-ironia, da valorização da sátira e do sarcasmo. Os comentários das obras literárias, das notícias e artigos dos *media* ou das mais diversas situações actuais são feitos nesse registo. E nisto, convenhamos, os seus autores têm arte. Concorde-se ou não com as críticas, por vezes demolidoras, elas têm o mérito de ser, para além de contundentes, claras e justificadas. Os artifícios linguísticos cumprem a sua função estética e aumentam a eficácia retórica da empresa crítica. Não camuflam a opinião nem a evitam, ao contrário do que acontece com outras revistas do género.

“Na *Periférica* impera o cidadão comum de um país que não existe. O cidadão que lê e opina, sem pedir autorização, mas também sem autoridade reconhecida, e ciente disso. Impera o cidadão que observa o mundo e o país que existe e os recantos literatos do país que existe e fala deles com o à-vontade que lhe advém dos direitos civis e hu-

manos. (...) Impera o cidadão que arregaça as mangas para fazer o que raramente alguém faz por ele: editar sem segundas intenções. Porque não fazem falta.” (Editorial do Nº 8 da *Periférica*)

A *Periférica* é pois mais do que uma revista literária, porque a opinião que procura se estende a outras artes e a domínios não artísticos, mas que merecem a atenção e a intervenção do “cidadão comum”. E esta é mais uma das virtudes da revista. Nas suas páginas não se lê apenas poesia ou prosa. Também se vê BD, pintura, fotografia e até arquitectura. No último número, por exemplo, um texto de Fredy Massad e Alicia Guerrero Yeste, na secção «o império dos sentidos» descreve de forma admirável o cemitério de Igualada (Barcelona), obra dos arquitectos Eric Miralles e Carme Pinós. Não é, por conseguinte, só entre nós que se procura essa expressão da qualidade artística, mas também “fora de portas”. Nem poderia ser de outro modo, dada a vocação cosmopolita que advoga a revista. E “fora de portas” são sobretudo os autores espanhóis os publicados. O que não deixa de ser curioso, uma vez que estes *estrangeiros*, sendo os mais próximos e os mais familiares, são aqueles que têm uma penetração mais difícil no nosso *habitat cultural*. Talvez por desconfiança primária; talvez por mero provincianismo. Haja quem os publique só porque vale a pena conhecê-los! Dir-se-ia que a *Periférica* aposta na divulgação de um certo (bom) gosto, venha ele de onde vier, na construção de uma certa sensibilidade estética, que não sendo a única possível, mostra-se, contudo, bastante coerente. Vale a pena prestar atenção a esses *sentidos periféricos*. Vale a pena lê-la.

Este encarte destina-se a divulgar algumas iniciativas específicas do GATO SA, da Teatroteca e da AJAGATO de cuja dinâmica integrada a revista *cena's* é um dos reflexos mais visíveis. Estas páginas pretendem também constituir um reforço dos laços que ligam os associados e todos os amigos do GATO. Uma forma de contacto diferido, também possível através do novo site [www.gatosa.com](http://www.gatosa.com)

Desculpem lá "meninos" a inconfidência...  
(A propósito da convocatória para uma Assembleia Geral)

Pois é...

Vamos perdendo as ligações nesta aldeia global e às vezes deixamos para trás as coisas importantes que marcaram a nossa vida para sempre. Lembras-te do anfiteatro da escola secundária? A textura da alcatifa, o som do ar-condicionado, a tua cabeça no ombro de alguém ao fim da tarde, os ensaio de luzes antes do espectáculo, o brilho intenso dos projectores nos teus olhos, um calorzinho na cara... E as partidas para os Encontros de Teatro na Escola, a agitação da viagem e o regresso cheio de saudade de quatro dias tão intensos como as férias grandes do verão? Lembras-te das pinturas dos cenários, do cheiro das tintas e vernizes, da serradura que fica como pólen pelo ar e da esferovite que se estilhaça em mil pedaços?

As conversas com o Mário, as birras, os amores, as críticas, os elogios, as despedidas e os reencontros...

Se tudo isto te parece distante, perdido na memória; Se estes foram os breves momentos em que a Arte tocou a tua vida; se tudo isto te parece um sonho...

Então...

ACORDA PÁ!

É que a AJAGATO, o GATO e a Teatroteca continua a ferver de actividade, entre Mostras de Teatro, o projecto EmCena, as colaborações e co-produções, a revista *Cena's*, as idas ao teatro, os cursos de iniciação, as produções teatrais... E queremos que venhas cá, que digas que estás vivo, que apresentes projectos para fazer connosco, que votes, que aproves, que te faças ouvir...

E claro, que pagues as quotas!

Estou ansioso para te rever!

Quantos milhares de quilómetros tens que percorrer para estar aqui no dia 29?

(Hugo Lopes)

Olá meus queridos!!!

Eu lembro-me!!! E lembro-me das sessões de experimentação de roupas, de pintar a cara e fotografar personagens de faz de conta. E da impressão no estômago antes de entrar em cena...

Da primeira vez que ouvi Astor Piazzolla...

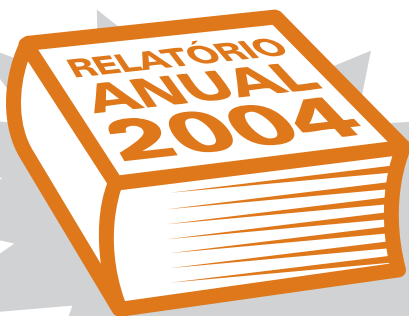
Da gargalhada do Mário...

Que saudades!!!!

Tenho-me lembrado muito de vocês, e tenho pensado que gostaria de vos dizer como foram e têm sido importantes na minha vida. Quando vejo um espectáculo, quando vou a um ceilidh (danças tradicionais escocesas) ou quando danço tango lembro-me de vocês e gostava que estivessem comigo também. E se não fosse muito lamechas, dizia que estão sempre comigo, no meu coração...

E depois de tanta recordação, tantas saudades, que desgosto não poder estar convosco! Estou tristíssima porque não vou poder ir... A minha vida passa-se agora entre Londres e Edimburgo e já tenho coisas marcadas para esse fim de semana.

(Mariana Pessoa)



## Um Argumento de peso!

No final de cada ano, paramos para balanço das diferentes realizações e pr'à recolha da documentação produzida no âmbito de cada uma delas. Vai tudo parar ao relatório final!

Depois fazemos projectos para mais um ano e elaboramos o Plano de Actividades, mesmo sabendo que estas intenções terão sempre de ser aferidas com o decorrer do tempo. Aliás, não costumamos rejeitar as ideias novas, só por não estarem previstas à partida, vamo-nos a elas ainda com maior entusiasmo (esta revista é um bom exemplo). De ano para ano, porém, os relatórios de actividades vão sendo mais volumosos. O de 2004 pesa cerca de 1,7 Kg e teve um parto difícil! A vontade de lhe dar uma forma análoga às dos anos anteriores obrigou-nos mesmo a recorrer a lombadas de grandes dimensões, tal era a quantidade de informação acumu-

lada. Diga-se a propósito que o trabalho que lhe está associado é cada vez maior e envolve a participação activa de diversos colaboradores, nos balancetes contabilísticos, nos projectos e respectivos orçamentos, nos estudos técnicos, nos aspectos de secretariado, etc.. Estes documentos reflectem cada vez mais a participação alargada de jovens e dos outros mais crescidinhos bem como a diversificação de competências e atribuições que aqui existe.

– Para quê tanto trabalho? – dirão alguns mais pragmáticos.

– Ninguém lê isso!

Ora, a minha reconhecida ingenuidade não vai ao ponto de ignorar



esse destino mais do que provável para tais calhamaços. Trata-se, no entanto, de um esforço absolutamente fundamental, não apenas pela reflexão a que nos obriga, como pela avaliação do trabalho realizado, o que julgo imprescindível para o aperfeiçoamento contínuo dos processos e das metodologias. Mas é igualmente uma manifestação clara de vitalidade e de “estilo” para os mais incrédulos, ou para quem nos aborda pela primeira vez.

Por outro lado estes documentos constituem um importante arquivo sistematizado das nossas principais iniciativas. Os papéis frequentemente desaparecem das pastas, os ficheiros perdem-se na confusão das memórias, mais a mais com a vulnerabilidade dos sistemas informáticos. Porém, estes relatórios são um importante recurso. Está lá tudo, como nas páginas amarelas... Tanto mais que, por serem volumosos, são facilmente visíveis nas prateleiras, consultam-se com frequência crescente e não se perdem de vista, mesmo por serem tão pesados...

Trata-se portanto de um argumento de peso!

Entretanto, a duplicação sai demasiado dispendiosa para podermos fazer uma divulgação alargada, limitamo-nos por isso a meia dúzia de exemplares a enviar aos principais apoiantes. No entanto, à imagem do ano passado, temos uma apresentação em PDF de que faremos cópias para os sócios que manifestem interesse em a receber.

## DADOS E CURIOSIDADES

Em 2004 acentuámos a vertente de promoção de espectáculos teatrais. Com as Mostras de Teatro já consolidadas no calendário cultural desta região, foi a altura de lançarmos um novo projecto de promoção de espectáculos de companhias convidadas, o EmCena. Trata-se agora de oferecer mensalmente um espectáculo teatral diferente (por enquanto durante apenas um semestre). Este ano a iniciativa permitiu-nos apalpar o pulso à nossa capacidade de somar mais este projecto à dinâmica geral, bem como o interesse do público. Os resultados foram francamente animadores.



Miguel Sermão numa cena de “Bão Preto” em Santo André

Ao todo trouxemos 15 companhias de Teatro a Santo André (no ano anterior tinham sido 13), 10 em Maio, durante a Mostra e as restantes no âmbito do projecto EmCena. A adesão do público cresceu na mesma medida.

Vejamos algumas estatísticas da V Mostra de Teatro:

- Nº Total de Espectadores: 2039
- Média diária por espectáculo: 185
- 40 pessoas assistiram a todos os espectáculos (Exceptuando os dois espectáculos para a infância)
- 75 pessoas assistiram a 6 ou mais espectáculos

Tudo isto numa sala com 182 cadeiras e uma capacidade indeterminada para acolher interessados em assistir de pé ou sentados no chão...

*Estamos a contribuir para fidelizar públicos e criar hábitos de assistir a bons espectáculos!*

## OS ESPECTÁCULOS DO GATO SA

Quanto ao GATO SA e aos seus trabalhos teatrais, embora não tenha sido um ano em grande, não deixámos de realizar alguns espectáculos dentro e fora de portas.

- “Os pés pelas mãos” em Santo André (5 vezes) e ainda na Sertã e em Alcochete.
- “Sopinhas de mel” em Sines, Alcácer do Sal e Évora.
- “A Cigarra e a Formiga” em Aronches.

E sobretudo experimentámos muita coisa e deixámos pelo caminho outro tanto...

Entretanto demos início à preparação de 4 espectáculos a estrear este ano!



Inês Patrício e Steve Johnston numa fotografia de ensaio

### Em construção:

- “Fish and chips” um original de Steve Johnston escrito para o GATO e encenado pelo próprio;
- “A Vidraça” um texto de Jaime Salazar Sampaio encenado por Mário Primo;
- “O cavalo das crinas de ouro” preparado com os professores estagiários;
- “Uma performance teatral” em resultado da Oficina de Pesquisa Teatral.

## AS ACTIVIDADES DE FORMAÇÃO

A Formação continua a ser uma das nossas actividades prioritárias. De certo modo, quase tudo o que aqui fazemos tem o enfoque nessa vertente formativa. Por um lado a aprendizagem que resulta dos Cursos estruturados e das Acções de Formação Especializada, quer com formadores externos, quer com a prata da casa, mas também a resultante das Oficinas de Pesquisa em que envolvemos os jovens depois da formação inicial. Todas as actividades práticas (apetrechamento técnico dos espaços, organização das itinerâncias, sistematização de materiais didácticos, etc.) têm esse objectivo muito claro, para isso é fundamental o acompanhamento dos jovens menos experientes pelos mais velhos ou mesmo pelo professor responsável, a criação de equipas de trabalho com características e capacidades distintas e a utilização dos recursos variados que convergem neste Centro de Actividades Pedagógicas.

Em 2004 realizámos :

- V Curso de Iniciação Teatral
- Oficina de Pesquisa Teatral
- Workshop de música com Carlos Guerreiro
- Workshop de mímica com Javier de Torres



## TEATRO ESCOLAR OU TEATRO NA ESCOLA?

*(Extracto de um texto de reflexão sobre o TEATRO NA ESCOLA, incluído no Relatório 2004)*

O Teatro exerce um estranho fascínio no interior da escola e de um modo geral na comunidade educativa. Os professores envolvidos nos encontros escolares de teatro, as escolas organizadoras e os alunos que integram os grupos, são disso um forte exemplo. Prática tantas vezes desapojada e incompreendida, tão carente de condições físicas, técnicas e pedagógicas nas escolas, persiste teimosamente um pouco por todo o lado, com uma vitalidade surpreendente.

No entanto, o contacto com o Teatro que se faz nas escolas revela-nos normalmente uma actividade que emerge da lógica do funcionamento escolar, uma forma de teatro que criou as suas regras próprias, ou pelo menos alguns denominadores comuns e que parece teimar em se manter afastado das restantes formas de Teatro. Repetem-se processos, desvalorizam-se as aprendizagens técnicas, minimiza-se a importância do percurso para acelerar a chegada a um produto final quase sempre inseguro, a carecer de justificações prévias pela falta de tempo e de condições de trabalho, pela pouca disponibilidade dos alunos, etc.. Deste modo se vai agitando a bandeira do Teatro Escolar.

Pessoalmente, julgo preferível o conceito de Teatro na Escola, considerando a universalidade desta linguagem artística. Obviamente que teremos de admitir a diversidade própria dos diferentes projectos, directamente relacionada com quem os concretiza (companhias profissionais, grupos independentes, associações de amadores, grupos escolares, etc.). Propostas naturalmente distintas, determinadas pelas condições económicas e técnicas disponíveis, ou ainda pelas opções estéticas e objectivos definidos para cada actividade. No entanto, um “teatro” onde, ano após ano, se continua a assistir à abordagem sumária de textos em que a tarefa mais complexa é normalmente e apenas a memorização e em que se evidencia o desconhecimento de regras básicas da preparação do actor, de encenação, de montagem de cena, ou do seu enquadramento técnico, dá que pensar...

Apesar de tudo, é verdade que estas actividades são normalmente de carácter voluntário e por isso estão permanentemente a ser avaliadas pelo

interesse despertado junto dos alunos e da comunidade educativa. Logo, se existem, têm jovens motivados para a sua prática e público interessado a assistir, está justificada porventura a sua legitimidade...

No entanto, interrogo-me que trabalho específico se faz com estes alunos, que Teatro vêem e que formação específica lhes é proporcionada?...

Claro está que estas considerações se referem às iniciativas que se apresentam como formas mais ou menos enfatizadas de espectáculo, frequentemente feitas fora da própria escola, constituindo muitas vezes a única referência teatral para a população local. Porque as dramatizações de âmbito disciplinar ou interdisciplinar, visando normalmente a abordagem de textos incluídos nos programas e dirigidas aos colegas da(s) turma(s) ou à comunidade escolar, são coisas naturalmente distintas. Neste caso estamos perante uma situação muito mais livre em que a linguagem dramática é sobretudo encarada como um instrumento facilitador das aprendizagens e a componente artística é relegada para um plano meramente secundário. O mesmo devo referir em relação às actividades de Jogo Dramático, em que não existe um texto de partida, mas antes uma situação dramática, normalmente de interesse formativo, de onde se parte para o desenvolvimento de um guião e em que a condição de actores e de “público” são apenas papeis que se jogam à vez. - agora estou deste lado, depois trocamos... Jogo Dramático que constitui um importante veículo de desenvolvimento equilibrado das crianças e jovens na busca da sua identidade, um estímulo ao desenvolvimento da capacidade de comunicação, da imaginação e da criatividade, uma valorização do trabalho colectivo em que as participações individuais se devem integrar de forma harmoniosa. Mas nada disto é ainda Teatro!

### **O que o Teatro pode trazer à Escola**

A Escola vive dias conturbados, o trabalho de aula realiza-se frequentemente num ambiente hostil, confuso, de onde emergem tensões variadas que nos esgotam e desmotivam. Não consigo imaginar um Teatro que se realize em semelhante contexto: um espectáculo desperdiçado num clima de confusão, para um “público” desligado ou para uma plateia desatenta e vazia...

Agrada-me pensar no Teatro como um rito contratual, um casamento de vontades em que, por um lado, temos actores que se comprometem a despir

corajosamente a sua pele e vestir a vida de um outro personagem, vivendo por ele, com toda a convicção e talento, as situações previstas pelo dramaturgo; por outro lado, o público que aceita as premissas contratuais e assiste com atenção e sem preconceitos, esforçando-se por acreditar e, mais do que isso, participar no acto, como numa celebração. Teatro de convenções, dentro e fora do palco. Teatro de emoções, de talento e criatividade artística, mas também de generosidade de um e de outro lado.

Imaginem agora uma Escola onde à imagem deste Teatro, professores e alunos celebrassem um contrato semelhante:

1º Outorgante – Eu, professor, comprometo-me a utilizar o meu saber científico e pedagógico, com rigor técnico e criatividade, com convicção e entusiasmo para ensinar-vos e, mais do que isso, procurar que aprendam os conteúdos e adquiram as competências previstas no programa e com eles vos ajudar a crescer como pessoas equilibradas no conhecimento e na sensibilidade e como cidadãos livres mas também conscientes do seu papel no mundo.

2º Outorgante – Nós, alunos, comprometemo-nos a participar no processo com atenção e vontade de aprender, confiando na capacidade do professor para nos conduzir, mas sem perder o sentido crítico e a criatividade que nos ajudarão a encontrar o ritmo e o processo individual de o acompanhar na caminhada.

Um processo de Ensino/Aprendizagem dinâmico e dialéctico, fruto de uma comunicação intensa, de confiança e respeito mútuos, de entusiasmo e cooperação. Uma Escola de exigência onde se procure a excelência dos desempenhos e não apenas os resultados satisfatórios e medianos. Uma Escola onde se estimule a criatividade, a experimentação, a originalidade e se combatam as repetições mecânicas de processos, os decalques, o conformismo, a demissão.

Tal e qual como concebo o processo de criação teatral!

É claro que somos humanos e por isso mesmo falíveis, vulneráveis, imprevisíveis. Logo a escola reflectirá necessariamente estas características nas dinâmicas do seu funcionamento. Mas, os problemas são absolutamente fundamentais ao crescimento, aguçam o engenho e mobilizam-nos para a descoberta das soluções mais adequadas. Os conflitos, por seu lado, levam à acção, ao confronto de ideias, à discussão disciplinada e resolvem-se, não se ignoram nem se deixam esmagar pela força.



No entanto, necessitamos de pensar nos indivíduos e não apenas nas massas, encarar os jovens mais como pessoas em crescimento e maturação, do que em alunos em fase de aprendizagem. Preocupar-nos mais com a avaliação/reflexão integrada naturalmente em todos os processos da nossa existência e menos com as classificações, selecções, normalizações... Valorizar mais o esforço e a vontade de superar as dificuldades com coragem e honestidade do que apenas a facilidade ou o “talento” tantas vezes aliado ao “facilitismo” e à preguiça.

Mais transpiração do que inspiração! Acredito por tudo isto que o Teatro e de um modo geral as Artes Performativas podem trazer um exemplo fantástico da capacidade de mobilização do alento e da coragem, da entrega e da generosidade que pode levar os professores/actores e os alunos/público a deixarem-se levar pela magia do ritual que nos eleva, nos exalta e nos torna melhores em cada aula/representação. Se por um lado a Expressão Dramática ao confrontar-nos com a nossa própria essência: Desnuda-nos das roupagens /courageamentos comportamentais; ajuda-nos a reconhecer e a desmontar os automatismos e os “clichés”; encaminha-nos para o que é genuíno e verdadeiramente expressivo. Por outro lado o Teatro, encarado como uma forma de Expressão Artística complexa e rigorosa: Contribui para aumentar o nível de exigência associado a todas as nossas actividades; convida ao esforço necessário para perseguir a qualidade; melhora a organização e método no trabalho; desenvolve hábitos de cooperação no trabalho de grupo; valoriza a importância social do trabalho.

Parece-me legítimo concluir que estas práticas podem contribuir para uma escola com valores e menos hipocrisia, onde haja mais respeito pelos outros e pelas suas particularidades, gostos e convicções. Uma escola de pessoas sensíveis, criativas, persistentes, pessoas capazes de se envolver com convicção e entusiasmo no trabalho, perseguindo metas elevadas não necessariamente remíveis a euros ou classificações nas pautas...

### **Relançar o conceito das Teatrotecas**

No início da década de noventa, a APED realizou um Encontro Internacional de Teatrotecas, no âmbito de uma intensa actividade de dinamização da Expressão Dramática em contexto educativo de que resultaram ainda 3 outros Encontros Internacionais bem como o 1º Congresso Mundial de Teatro na Educação. Procurava-se com estes

fóruns juntar os profissionais da educação e do mundo do espectáculo, fazendo coincidir no tempo e no espaço um conjunto de workshops, de exposições, debates, espectáculos, procurando divulgar estas práticas e estimular os já iniciados para a necessária reflexão e aprofundamento teórico.

Paralelamente às iniciativas previstas nos programas decorriam sempre outras actividades informais de troca de informações e de experiências, um extraordinário cadinho onde fervilhavam as diferentes visões estratégicas e as dúvidas relativas às metodologias e às práticas. Ali se forjavam também as redes de contactos que prolongavam as dinâmicas dos encontros muito para além da sua conclusão.

Para o GATO SA e para mim próprio, a participação naqueles eventos resultou num estímulo à sistematização de materiais didácticos, ao planeamento de acções de formação, à melhoria dos equipamentos técnicos e das condições de trabalho. Procurámos então um espaço físico para a organização e disponibilização destes recursos e criámos a Teatroteca cujo conceito estava já implícito na formação do grupo em 1988.

Hoje, a Teatroteca do GATO, com a sua dinâmica cada vez mais intensa, para além de constituir o esteio fundamental do funcionamento do grupo e da produção dos seus trabalhos, foi-se autonomizando, criando os seus objectivos específicos e estendeu a sua influência a áreas complementares, atraindo outras pessoas aos seus projectos no âmbito das Artes de Palco. Estou convicto que tanto para a Escola como para o desenvolvimento destas práticas na educação seria interessante que cada grupo evoluísse no sentido de criar uma estrutura desta natureza. Trata-se no fundo de passar da actividade esporádica de montagem de peças avulsas à criação de dinâmicas mais abrangentes de formação, pesquisa e divulgação teatrais e à organização de Centros de Documentação especializados. Depois, fazer de cada Teatroteca um pólo dinamizador das actividades dramáticas quer na escola como no meio, oferecendo apoio a outros professores e animadores que se envolvam nestas práticas e contribuindo para a criação de públicos mais informados e criteriosos.

Por outro lado, em termos funcionais, as Teatrotecas permitem o alargamento da base de colaboradores pela diversidade de actividades aí concretizadas, como por exemplo: a organização do centro de documentação; o secretariado; a preparação de exposições; a organização de colóquios; a promoção

de espectáculos, de intercâmbios, de festivais, etc. Partindo do princípio de que todas as tarefas podem ser formativas, desde que bem enquadradas e encaradas de uma forma pedagógica, estes espaços podem constituir uma oportunidade invulgar para múltiplas aprendizagens e descobertas, emergindo de forma natural da dinâmica quotidiana. Costumo dizer que até o acto de carregar os cenários na carrinha em cada deslocação do grupo é um desafio ao raciocínio lógico e à capacidade de planeamento eficaz de uma tarefa, já que envolve o conhecimento do espaço, dos volumes de ocupação, a ordem de carregamento, o inventário e verificação, a protecção dos equipamentos mais frágeis, etc. Para além disso responsabiliza os indivíduos perante o colectivo, apela à consciência cívica de todos e afina naturalmente as dinâmicas de trabalho de grupo. Encaradas deste modo, as actividades desenvolvidas pelos jovens estimulam as aprendizagens práticas e a autonomia já que os envolvem em situações objectivas de trabalho concreto e socialmente útil, ao contrário das situações normalmente adoptadas na actividade curricular onde quase tudo se passa no mundo virtual, no campo das hipóteses, dos problemas meramente teóricos...

A Expressão Dramática e o Teatro têm de ganhar um espaço muito mais digno na Educação, contribuir decisivamente para o enriquecimento do papel formativo da Escola e para o desenvolvimento mais harmonioso e equilibrado dos alunos. Este já não é o tempo das récitas de final de período, em que se toleravam estas actividades nas pausas do trabalho “sério”... As Teatrotecas devem empreender a “cruzada” pela afirmação do seu espaço e pela criação de condições adequadas de trabalho, devem assumir o protagonismo que lhes cabe na assunção de que cada escola deve ser um centro difusor de cultura na sua região e não apenas uma instituição com funções meramente instrucionais. Mas para isso, estas actividades terão de se impor pelo rigor das abordagens, pelo nível de exigência global posto no seu trabalho, pela procura da “qualidade” em todas as suas realizações.

Em suma, penso que temos de evoluir da espontaneidade para a reflexão, dos “trabalhos engraçadinhos” para as actividades consistentes e organizadas, da mera ocupação dos tempos livres para a formação artística e cívica dos nossos jovens.

*Mário Primo*



## “A Música existe para dizer o que as palavras não conseguem”

Tuniko Goulart

A povoar três noites com momentos que se anunciam mágicos, incontáveis e provavelmente inesquecíveis, a Quadricultura anuncia o início de um novo ciclo das **©extas de Cultura**.

Assim, na próxima sexta **25 de Fevereiro**, o colectivo aposta por uma incursão no canto lírico trazendo até nós um **quarteto solista constituído por uma soprano, uma mezzo soprano, um tenor e um barítono** que, **acompanhados ao piano**, interpretarão um conjunto de árias das óperas mais conhecidas do grande público.



“...depois de tantos anos ao lado de Carlos Paredes, sinto-me no dever e no direito de lhe agradecer tudo o que me ensinou e o que pude aprender e partilhar com ele. Este é um disco de Canções de Amor, resultado de uma vida partilhada. Muitas vezes senti uma fina dor que passava da sua música para o meu peito. Mas nunca uma mágoa que me fez parar, porque há tanto carinho implícito nestas dores, que a música foi para mim um acto de Amor, esse que todos recebemos, e que agora, com o Miguel, vimos repartir.”

Luísa Amaro

Com o regresso das andorinhas receberemos a visita de **Filipa Pais**, cujo nome remete a cor da nossa memória aos tons arábicos da Lua Extravagante ou à subtileza poética com que ‘à porta do mundo’ nos foram reveladas paisagens de ecos novos na música popular portuguesa logrando mesmo a conquista do Prémio José Afonso 2003. Embora o seu mais recente trabalho ‘Estrela’ resultar de uma parceria com José Peixoto, em Santo André iremos vê-la acompanhada por dois músicos brasileiros radicados em Portugal há cerca de 15 anos. Referimo-nos a **Tuniko Goulart**, professor de guitarra e instrumentista de nome reconhecido, executante ao longo da sua carreira de géneros musicais que vão da música africana ao rock, blues ou soul, do samba ao jazz, do Brasil ao Fado e a **Edú Miranda** que a par de Tuniko tem colaborado com músicos como Gilberto Gil, Martinho da Vila, Pedro Jóia, António Chainho, Mário Laginha e Maria João entre outros. “Em [www.baitasom.com/Links/Edu.htm](http://www.baitasom.com/Links/Edu.htm)” é-nos possível a audição de trechos de alguns temas do álbum ‘Choro de Longe’ compostos e interpretados por Edú no bandolim e Tuniko no violão. Em harmonia com Filipa Pais no ambiente intimista que o **auditório da ESPAM** proporciona será decerto um espectáculo a não perder em **18 de Março**.



Para partilhar desse Amor voltaremos ao **mesmo auditório a 15 de Abril** onde **Luísa Amaro** e **Miguel Carvalhinho** nos virão apresentar ‘Canção para Carlos Paredes’, um álbum instrumental aplaudido pela crítica e descrito assim na respectiva nota de imprensa:

*A guitarra portuguesa tem «um lado feminino», como nos dizia Mestre Carlos Paredes. É este lado que CANÇÃO PARA CARLOS PAREDES nos traz, homenageando o músico mais virtuoso neste instrumento. Instrumento viril e facilmente associado ao Fado, a guitarra portuguesa expande-se para o início de uma nova sonoridade. Apesar de fazer parte dos instrumentos femininos tocados em salão no século XIX, ninguém até hoje ousou registar este som «masculino». Luísa Amaro é assim a primeira mulher a fazê-lo no nosso país.*

*Com 4 temas inéditos de Luísa Amaro e arranjos de Miguel Carvalhinho, este álbum-estreia reflecte a ternura, dedicação e admiração profunda que o duo tem por Carlos Paredes. Fazem-no tentando encontrar novos caminhos. Aqui a guitarra clássica não acompanha a guitarra portuguesa. É interveniente. Está ao mesmo nível. As duas guitarras dialogam harmoniosamente mantendo o seu carácter individual.*



## PERDIDO NA TRADUÇÃO

*Ikimashōo* (significa “Vamos” ou talvez “Bora!” se juntarmos uma pronúncia forte em Japonês). Um concurso europeu sobre *História Económica de Portugal e Japão* organizado pela empresa *Mitsui* pagava-me uma viagem ao Oriente por 15 dias. Meti-me no avião e lá fui atrás do cenário mais intraduzível. O avião era da Nihon Air Lines com hospedeiras com penteados talhados a foice só possíveis com um cabelo negro e forte e *kimonos* vermelhos e pretos. A refeição do avião era servida em caixas de botões vermelhas com *sushi* num casulo, raiz forte noutro, *sashimi*, camarões *tandoori*, *sake*, chá, uns rolinhos de carne cobertos de sementes de sésamo e claro, arroz unidos venceremos. Já estava noutro cenário. Após 15 horas de viagem, aterrava em Tóquio e a partir daí tudo foi acelerado: 15 minutos depois conhecia o grupo europeu do concurso, 1 hora depois estava no meio do mercado de peixe de Tóquio, 2 horas depois nos templos ancestrais, 5 horas depois a ser chocalhado numa torre de diversões que me atirava em queda livre para o chão, 6 horas depois alienava-me nas salas de jogo Japonesas onde as slot machines dão milhares de pequenas esferas que se acumulam em caixas e caixas de esferas (uma loucura de milhares e milhares de esferas que alimentam o princípio básico da ganância), 8 horas depois estava a ver teatro *Kabuki* embalado pelos urros e gemidos “Yooooo, Ah yyyyy” da tradição teatral Japonesa e pela manhã dentro cantava *Karaoke* com um grupo de Japoneses da *Mitsui*.



No dia seguinte não me conhecia, também começava a ficar amarelado. O fuso horário atraçoava-me. O sono acabava às 2 da manhã num compromisso tácito entre ver que é noite e sentir que é dia. Estar no Japão é esquecer preconceitos e aceitar as notórias diferenças deste mundo como normais: há carros mas andam pelo lado esquerdo, há mulheres na rua mas vestem kimonos ou fatos colegiais com mini-saias minúsculas compensadas por meias gigantes, há telemóveis mas parecem brinquedos minúsculos de plástico onde se toca por descuido em 4 teclas ao mesmo tempo e têm toques à la Olivia Newton John, há letras mas parecem bonecos (existem 3 alfabetos, dos quais 2 são fonéticos), há números nas portas mas aparecem desordenados (a numeração é feita pela data de construção dos prédios e não pela direcção da rua!), há pratos mas são quadrados, há sapatos mas ficam à entrada da porta, há quartos mas dorme-se no chão coberto de *tatami*, há paredes mas não dá para pendurar quadros, há casas de banho mas parecem consolas de avião, há cozinhas mas o frigorífico fala connosco e sobretudo há pequeno almoço mas os cereais são... salgados. Acordava para o Japão com uns cereais salgados em cima da mesa. Sofregamente engoli a primeira colher sem pensar duas vezes para logo a seguir a projectar em voo livre pela mesa. Sem espelho, via o meu esgar de dor repetido nas caras do Alemão, da Francesa, da Polaca, do Belga, do Checo, do Búlgaro e da Romena que me acompanhavam. A nossa



guia Japonesa, a Miss Ueno, desculpou a nossa falha protocolar e lá nos ensinava a equilibrar cereais em pauzinhos. Adorável, mostrou-nos o Japão profundo e fez-me acreditar neste país. Tinha na manga umas férias de sonho. Após Tóquio, à qual só voltámos no fim da viagem, apanhámos o *Shin Kansen* (ou comboio bala) em direcção a *Kioto*. Na viagem, a uma velocidade vertiginosa, vemos o Monte *Fuji* no horizonte a compôr o nosso cenário tal como no quadro “A Grande Onda”, de *Hokusai*. *Kioto* é a antiga capital do Império Japonês. Vimos o mais famoso jardim Zen de areia e pedra de *Ryoanji*. Neste jardim existem sete pedras mas qualquer que seja o ângulo de contemplação, só conseguimos ver seis. Também fomos ver o pavilhão dourado no Templo de *Kinkakuji* onde experimentámos uns bolinhos de chá verde divinais. Miss Ueno era uma notável contadora de histórias e a pouco e pouco percebia a tradução daqueles símbolos. Já sabia pedir em Japonês o que comer nos restaurantes e a comida sabia cada vez melhor. Até os fluidos do meu corpo saíam aromatizados pelos poros.

Depois veio *Hiroshima*. Uma cidade radiante, cheia de jardins e com as ruas a brilhar. De novas. Porque de *Hiroshima* nada ficou após a bomba nuclear, excepto a Câmara de *Hiroshima* no epicentro da explosão. Um edifício em esqueleto, sem vidros e portas que testemunhou a devastação à volta. Até na periferia, dizem que a energia foi tanta que houve mulheres que ficaram com as letras escuras do seu *kimono* gravadas na



pele porque absorveram mais calor. E todas as ruas à volta estavam floridas com a *Natsu No Hama* (flor do verão), a primeira flor a desabrochar, quase vinte anos depois, em *Hiroshima* e que motivou o reconstrução da cidade. E todas as ruas estavam cobertas de passáros coloridos feitos em *origami* a simbolizar a história de uma menina exposta à radiação da bomba que acreditou que iria sobreviver quando completasse 1000 passáros. Morreu ao fim de 1006.

No dia seguinte fomos para *Miyajima*, uma ilha em frente a *Hiroshima* que conserva todas as tradições ancestrais. Em *Miyajima* andamos na rua vestidos de *kimono* e *yukata* (*kimono* para os homens). Com as sandálias Japonesas nos pés com meias vestidas. O que é uma imagem deliciosa que o Alemão do grupo adorou. Também tínhamos gazelas na rua a passear entre nós num pacato convívio e nas margens da ilha um grande portal enterrado no meio do mar por onde, segundo dizem, os Deuses entram na Terra. E à noite, tomámos um duche sentados em cima de algo que parecia um penico virado ao contrário, virados para uma parede com espelhos e depois de bem limpos, mergulhámos numa piscina coberta com água tépida e com vista para um braço de mar e *Hiroshima*. Depois seguiu-se um grande manjar. À nossa frente a caixa de botões das caixas de botões. Dezenas de casulos preenchidos com diferentes iguarias.

De *Miyajima*, cada um de nós foi para casa de uma família Japonesa de *Osaka*. Encontramo-nos todos numa escola. Olhos em bico e olhos grandes observavam-se. O inglês não era uma língua fácil para as nossas famílias Japonesas. Trocávamos gestos, com sorrisos, com aquelas expressões típicas dos desenhos animados Japoneses como coçar a cabeça quando estamos embaraçados. E lá fui com a mãe e as duas filhas da minha nova família jantar fora. O pai estava a trabalhar naquela sexta feira à noite. Com o inglês travado, passámos o jantar a tirar fotos, a mostrar fotos de cartões pessoais, a rir das expressões, da letra, do facto dos meus cartões serem todos de papel forrado de plástico e dos deles serem tipo cartão Multibanco que só faltava falarem.

E fomos pelas ruas de *Osaka* a ver os arranha céus, os neons, os ecrans gigantes de rua, a multidão a caminhar imperturbável no meio daquela histeria de imagens e luzes. Ou não estivesse com Japoneses, parámos em todas as máquinas de fotos que cuspiam uns mini-autocolantes com as nossas caras para colar no telemóvel, no frigorífico ou na carteira. O Japonês já não era Chinês para mim. Não parávamos de rir. Chamavam-me “Han-do-sa-me-bo-y” (do inglês *handsome boy*). Achavam-me lindo e tentavam dizê-lo sem pudor. Ter este tipo de piropos no Oriente é bonito, não é? No dia seguinte, estou confortavelmente a fazer a barba na consola espacial que eles chamam de casa de banho e entra porta a dentro uma figura de olhos mais rasgados do que é normal com o farto cabelo tombado por todos os lados e com o maior esgar de resaca marcado no rosto. Entre espuma de barbear e perplexidade, larguei um “*Konnichi wa*” (que por acaso é “Boa tarde” e se adequava mais a quem se recompunha de uma semana de trabalho). A figura amarelada apertou-me a bochecha, deu-me uma palmada no rabo e disse com um sorriso de orelha a orelha “Hi, me daddy!!!”. E lá estava o patriarca daquela família hospitaleira. Sem querer denegrir a imagem deste papá, confesso que o senhor depois do trabalho de sexta ainda foi para os copos num bar de *Karaoke*, um hábito entre homens Japoneses para esquecer de vez a longa semana de trabalho. Trazia uma prenda de Portugal e aproveitei a oportunidade para lhes oferecer um Porto *vintage* em caixa de madeira e eles ofereceram-me uma prenda que vou guardar sempre em destaque na minha sala: umas sandálias tradicionais Japoneses com aquelas duas barras na base que eram do avô da família que já tinha falecido e um cubo de giz que o pai tinha usado para vencer o torneio de bilhar de *Osaka!* Quando voltei para a companhia do grupo europeu e de Miss Ueno, esta confessou-me que se tratava do maior gesto de agradecimento de um Japonês: oferecer um objecto que pretenceu à família. Sem ser lamecha, senti uma lágrima no canto do olho e ainda hoje me arrependo da morada desta família se ter perdido na tradução.



# nenhum gesto, nenhum destino é breve, porque em todos estão inquietas asas...

A história do Teatro do Mar é essencialmente uma história de resistência e perseverança. O seu prelúdio teve lugar em meados dos anos 80. Um grupo de pessoas, onde eu me incluía, tentava montar uma peça de teatro. Juntávamo-nos no então Centro Recreativo Sineense, numa sala de baile com um grande espelho dourado e cadeiras de madeira, encostadas a uma parede verde água. Andávamos a ler Gil Vicente, *A Farsa de Inês Pereira*. Um dia, tomava um café nos Galegos, quando a Eugénia Amador, na altura Vereadora da Cultura, entrou acompanhada por homem moreno, com um ar distinto, cachecol de lã, blazer surrado pelo tempo. Apresentou-mo: – «Julietta, este é o Vladimiro. Vladimiro Franklim. É actor, sabias? Nunca viste o Janeca Penso Rápido?» Olhei-o melhor. Tinha uma ideia, sim. Da televisão. Comecei a lembrar-me: um programa conduzido pelo Júlio Isidro que se chamava *O Passeio dos Alegres*. – «Ele vai ficar por Sines. Talvez vos possa ajudar com aquela peça que estão a ensaiar...» A partir daquele dia, foi simples.



O Vladimiro trazia na bagagem anos de experiência profissional, a par de um talento e de um coração enormes. Transformou-me na Inês Pereira e fez-me contracenar com uma galinha. Uma galinha verdadeira - a *Miss Fricassé*. Ficava na montra do Teatro-Oficina, um armazém fechado há algum tempo, frente ao cinema Vasco da Gama. Tinha servido de sede de partido, biblioteca municipal, sede de Carnaval, atelier de costura, eu sei lá... Jogámos fora toneladas de lixo, velhos jornais de campanha, cartazes e papéis indecifráveis de tão carcomidos pelas traças e pelos ratos. Derrubaram-se velhas divisões de madeira, construiu-se um chão de cimento, montou-se um cenário. A farsa havia sido encenada pelo Vladimiro como se acontecesse num baile de aldeia, no decorrer dos anos quarenta. Decerto inspirada pela atmosfera do espaço que nos serviu de casa no início de tudo. A Inês Pereira ia à festa acompanhada pela mãe para arranjar marido. *Mais quero burro que me carregue, que cavalo que me derube*. Esta era a minha deixa preferida e uma das que ainda hoje me servem de mote. Baptizámos o grupo. Todos tinham propostas. Mas foi o nome que o Vladimiro sugeriu que ganhou as nossas primeiras eleições. Teatro do Mar. Apresentámo-nos ao público, pela primeira vez, curiosamente com um trabalho que antecedeu a estreia da dita farsa. A 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, na antiga sala de sessões da Câmara Municipal de Sines. Com um recital de poesia dedicado ao feminino. Ainda me lembro dos projectores. Lâmpadas enfiadas em canudos de cartão, forrados com papel de prata. Estávamos em 1986.



Depois da estreia da peça de Gil Vicente, a já então famosa galinha Fricassé ainda habitou por uns tempos a montra do Teatro-Oficina. Mas acabámos por a oferecer a alguém que tinha um monte lá para os lados de S. Torpes. Creio que rapidamente lhe fizeram jus ao nome e ela acabou por seguir o destino normal da sua espécie.

Fazer teatro era a razão porque nos juntávamos. A poesia. A amizade e o barulho do mar que nos baptizava. As noites de inverno em Sines, chegar aos ensaios de guarda-chuva para nos sentarmos em grupo e ler. Partilhar as palavras, as ideias, as vozes, os sentidos. O movimento dos corpos em descoberta. Lembro a água a bater no telhado de zinco e as sombras a dançar nas paredes geladas. Sair e encontrar outro sentido na chuva. E voltar tantos outros dias, outras noites, pelo prazer de sonhar e criar, acreditar e construir.

Entretanto, o Vladimiro partiu para Portalegre. O grupo parou por algum tempo e os elementos que o constituíam nessa época seguiram caminhos diferentes. Na gaveta havia ficado um texto desejado e nunca representado. Ary dos Santos com *O Tempo da Lenda das Amendoeiras*, uma história em verso sobre a força da poesia como poder libertador dos homens. Encená-lo, reestruturando o Teatro do Mar, foi o desejo que me motivou a reunir um grupo de adolescentes em 1993. Nasceu assim a segunda geração do Teatro do Mar, a génese do grupo actual, onde ainda hoje persistem alguns dos elementos dessa época.



Envolver, mais do que mostrar, foi o que mais definiu o nosso trajecto e objectivos primeiros. Mesmo que mantendo a constituição de um núcleo duro, nos anos que se seguiram centenas de outros jovens participaram no projecto. Montaram-se produções teatrais, recitais, espectáculos de rua e animações, dinamizaram-se acções de formação e inúmeros trabalhos com as crianças e a comunidade. Mais do que o produto artístico, apenas a ponta do iceberg, foi fundamental todo o processo de profunda aprendizagem e experiência, não só na arte e ciência do fazer teatro, mas também no conhecimento pessoal, dos outros e do mundo. Um caminho desenhado de deslumbramentos e alegrias mas também de lutas, desilusões e intempéries. Mas mais do que nos derrotar, contribuíram, em contraposição, para criar anticorpos à desistência e à apatia.

Em 1997, um incêndio queimou grande parte do espólio histórico do grupo. Fotografias, figurinos, maquetas, vídeos, praticamente todo o arquivo de documentação. Para contar a história de todos aqueles anos, restavam cinzas e um volume indecifrável de papéis queimados, como que a lembrar-nos o quanto o teatro, como a vida, é uma arte efêmera, dolorosa e bela ao mesmo tempo.

Erguemos tudo de novo e seguimos, despidos de vestígios palpáveis. Mas guardámos, ainda mais preciosamente, todas as memórias. As mesmas que sempre nos servem de motor para continuar a agir e a construir os sonhos.



A natural evolução ao longo do tempo e a consequente formação profissional e experiência artística dos seus elementos mais efectivos, foi trazendo necessidades, exigências e ambições - artísticas, culturais e sociais - que, num processo natural, conduziram o Teatro do Mar à sua profissionalização, o que veio a consolidar-se em 1998. Coincidentemente, Vladimiro Franklin falece no mesmo ano.

O mundo não sofreu grandes alterações desde então. Mudaram várias vezes os governos e os políticos, mas nós, os de sempre, permanecemos.

Até hoje, os nossos princípios mantêm-se basicamente os mesmos. As lutas também. Fazer teatro itinerante e para um público jovem. Criar num esquema de partilha, participação colectiva, estudo e resistência. Um trabalho que cedo se afirmou, mais particularmente, através das produções de rua, dos espectáculos para a infância, numa preocupação de carácter social, numa filosofia de promoção do gosto e da prática artística do teatro.

Com o objectivo de estabelecer uma maior comunicação com o público alvo, temos vindo a desenvolver uma linguagem de carácter multidisciplinar, onde possamos, sem constrangimentos académicos, usar como contribuição para uma significação comum e global, outras artes como a dança, o novo circo, a música, as artes plásticas e as novas tecnologias. Um teatro do corpo, das imagens, dos sentidos. Que conte histórias universais. Que fale de mitos, sentimentos, emoções, memórias colectivas. Um teatro que, mais do que a palavra, privilegie o instrumento que lhe dá sentido, o actor.

E é essencialmente de actores que o Teatro do Mar se compõe. Actores-operários, como já nos designaram. A mesma pequena equipa de pessoas representa, constrói e costura, gere e organiza, carrega e monta toneladas de material. Fazemo-nos à estrada, percorremos milhares de quilómetros por ano de casa às costas, levamos o nosso teatro um pouco por todo o país.

E, porque se mantêm os princípios e objectivos que estiveram na base da nossa origem, pautados sempre por preocupações de ordem cultural

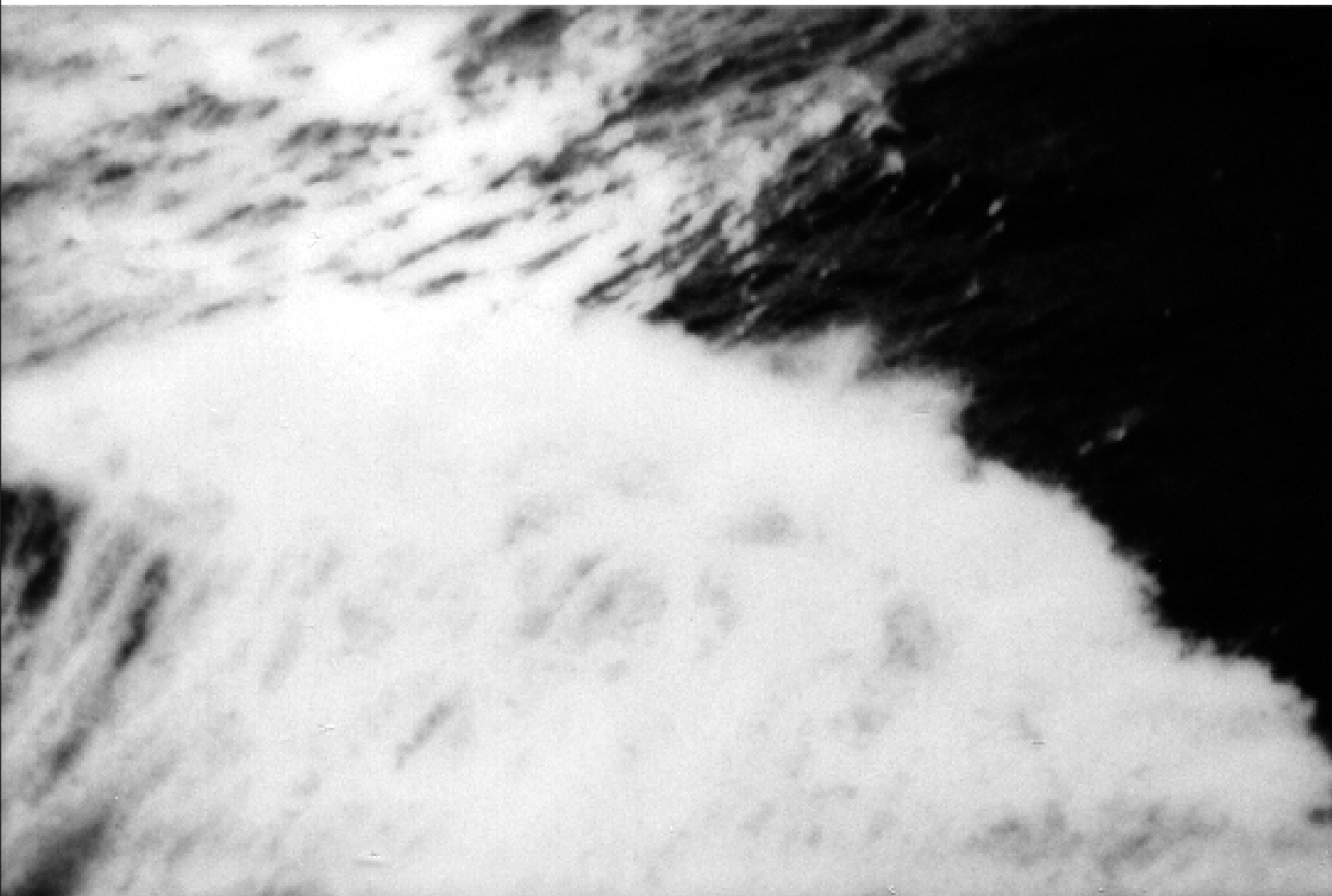


e social, temos procurado desempenhar, paralelamente às nossas funções específicas, o papel de agente cultural e artístico na região, através da manutenção de um trabalho efectivo com as escolas, as instituições e a comunidade.

Nos quase 20 anos de existência do Teatro do Mar, os sonhos foram edificados árdua e pacientemente. E ainda há tanto por fazer. O teatro é a nossa arte, a nossa profissão, paixão e vida. E, por tudo e tanto que exige, a nossa primeiríssima casa. Hoje, o sonho maior, mais almejado e antigo, é encontrar um espaço, uma sede que finalmente nos possa acolher em dignidade e ao público que nos assiste.

No deserto do palco, na vertigem das paredes frias dos barracões improvisados, no cansaço e assombro dos caminhos percorridos, na manutenção da essência do que somos, na consciência do verdadeiro lugar que ocupamos, no rigor e profundo respeito pelo teatro e pelo público, na persistência de uma luta contra a apatia, a centralização, a monopolização, a insensibilidade, mesmo que não saibamos o que o futuro nos reserva, enquanto o nosso olhar captar a beleza de um gesto, o olhar feliz de uma criança na plateia, a gargalhada de um transeunte de rua, continuaremos a mover-nos. Como o mar. Suave e persistente, outras vezes um maremoto. Eternamente o mesmo, eternamente renovado. Um espelho.

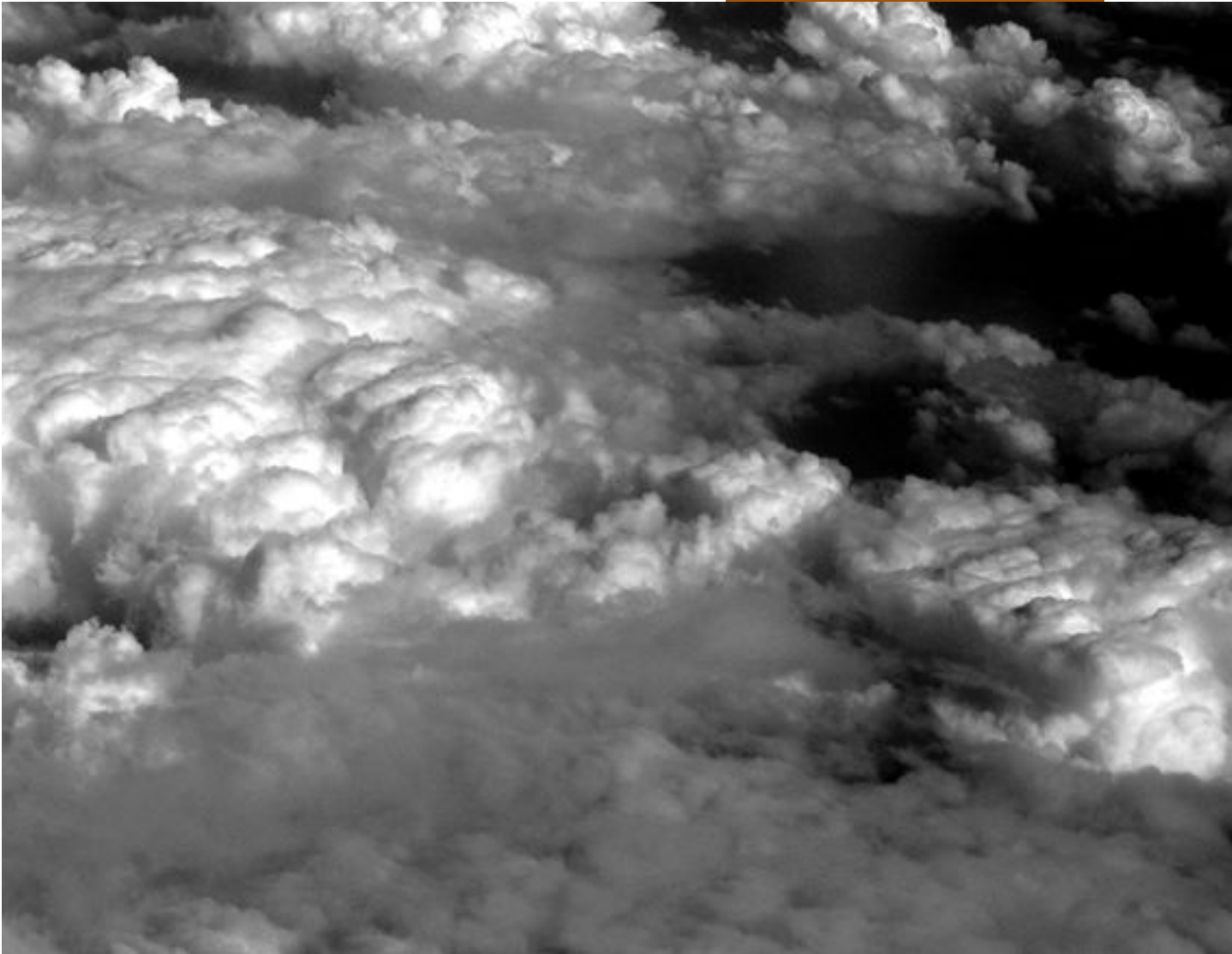
O teatro, sempre, como a vida.



Os pés enterravam-se no areão fazendo um som característico. Iria lembrar-se sempre daquele som. Sempre que voltava a pisar aquela praia, o que cada vez acontecia mais raramente, lembrava-se não de um momento preciso, mas antes de uma certa ideia difusa do que tinha sido a sua infância, passada entre pai e mãe que gostavam dele, filho único, amado. Lembrava-se de um picnic, durante décadas, talvez o único da sua vida, e o único feito com os seus pais, lembrava-se desse almoço com tang e esparquete, servido em pratos de plástico amarelo vivo, lembrava-se do som do mar tão próximo, lembrava-se do ranger do areão sob

as toalhas, lembrava-se da sombra húmida projectada pela imponente e solitária Pedra do Homem.

Lembrava-se dos quilos e quilos de algas, enleadas como se fossem grandes tranças verdes, que mostravam até onde o mar tinha avançado. Lembrava-se de percorrer essas meadas de algas e de lixo onde se pressentiam outras pessoas e outros países. Pelo lixo apercebia-se de um outro mundo, não só pelo que era atirado pelos petroleiros lentos e descomunais que passavam ao largo, vindos do porto, mas também pelo que era trazido pelas correntes que atravessam o oceano. Pacotes de leite,

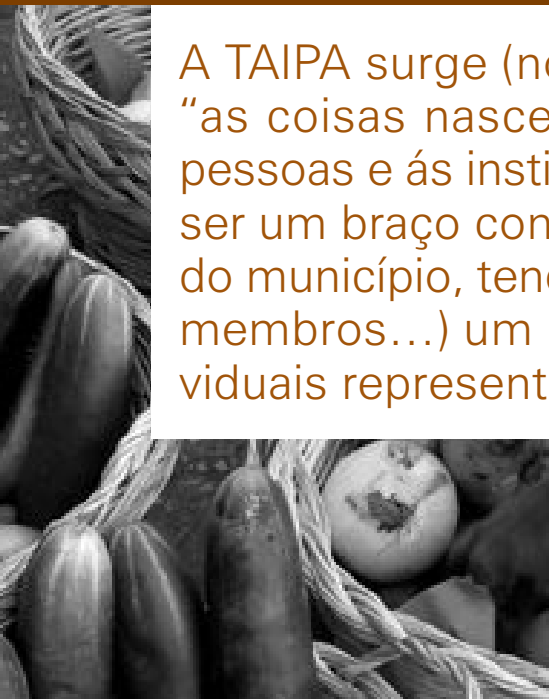


sacos plásticos, brinquedos, garrafas. Pressentiam-se cores garridas, mas a tristeza do mar já as tinha conseguido esbater. Talvez fosse lixo do seu país, mas assim, numa praia imensa, só lhe fazia sentido que fossem pistas de um outro sítio.

Brinquedos. Uma vez, numa dessas tranças, tinha achado vários cavalos de plástico, do tamanho de uma mão de criança, separados por metros entre si. Eram cavalos índios, mustangs sem sela, apenas com um tecido sobre a garupa. Nem os seus intrépidos cavaleiros tinham conseguido sobreviver à viagem.



# de um cabaz da horta e de uma relação de cidadania entre produtores e consumidores



A TAIPA surge (no ano 2000) de uma perspectiva de que “as coisas nascem porque fazem falta” ao território, às pessoas e às instituições. Esta solução colectiva pretendia ser um braço concretizador de desenvolvimento, à escala do município, tendo como constituintes (cooperantes e/ou membros...) um conjunto de entidades colectivas e individuais representativas (?) da sociedade civil de Odemira.

## **Da TAIPA, Cri**

Pensar transversalmente, localmente e de forma integrada as problemáticas de um território tão vasto e com tantos vectores (possibilidades) de cooperação territorial foi (continua a ser) o primeiro grande desafio. Olhámos para Colombo (não sabia, à partida, para onde ia, por isso não sabia onde tinha chegado) e tentámos fazer do caminho uma confirmação do planeamento concertado, mesmo nos casos onde Prost (vejo dois caminhos pela floresta e eu sigo o menos percorrido) foi a nossa inspiração.

Definida a missão (uma visão global do desenvolvimento local para uma intervenção integrada e participada) muitos foram os projectos/ideias de arranque, de ganhar corpo e consis-

tência, de ganhar reconhecimento dos parceiros locais para a “luta”. Construída uma plataforma de parceiros motivados (no ano 2002) foi delineado um primeiro esboço de estratégia global de intervenção para o território concelho de Odemira. “Rio Mira” é o seu nome e muitos foram (são) os projectos (acções) que lhe pretendem dar corpo. O “Cabaz da Horta” e a *relação de cidadania entre produtores e consumidores - (Recíproco)* que se estabeleceu sob os auspícios desse cabaz de produtos são parte dessa estratégia e é essa história que nos propomos contar (abordar) neste espaço de reflexão.

## **Da Teoria**

A perda de rendimento da agricultura tradicional tem, definitivamente,

vindo a provocar alterações de monta no território designado Mundo Rural. O Litoral Alentejano em geral e o concelho de Odemira em particular não fugiram à regra, sofrendo perdas demográficas significativas principalmente no seu “espaço” fora dos aglomerados urbanos. Ficaram, em muitos casos, as “viúvas dos vivos” (mulheres, crianças e idosos) quando os homens debandaram em busca de novas oportunidades de rendimento para as suas famílias.

Este êxodo foi ainda precedido de uma tentativa de resposta dos nossos agricultores, que impelidos pela representação social de sucesso da agricultura produtiva, adoptaram raças e variedades exóticas que naturalmente não se conseguiram adaptar às condições adversas dos nossos





interiores pouco produtivos. Resultando desse facto a quase extinção de um sistema agrícola tradicional portador de saberes e valores memoráveis e de uma reserva de valor incalculável em termos de diversidade cultural e genética.

Assim, a necessidade de reconhecer novas funções ao desígnio de trabalhar a terra, faz emergir o conceito de **Multifuncionalidade da Agricultura**, que não é mais do que reconhecer que a agricultura desempenha uma função económica (produzir alimentos de qualidade), uma função social (fixar população), uma função ambiental (preservar recursos), uma função patrimonial (preservar o património cultural, edificado e genético), uma função estética (preservar a paisagem) e uma função recreativa a pedagógica (relação espaço rural - urbano), e, muito concretamente deve ser paga para desempenhar/manter essas funções.

A questão fundamental reside em como concretizar essas funções com os agricultores (e outros habitantes do mundo rural) que temos (muito baixas qualificações) sem cair na tentação de fazer por eles justificando ser para eles.

### Da Prática

A TAIPA, apoiada na Acção 8 da medida AGRIS – Dinamização do Desenvolvimento Agro-Florestal e Rural (ferramenta de financiamento) e em parceria com a Direcção Regional de Agricultura do Alentejo, envolveu/implicou uma serie de agricultores na descoberta participada de um qualquer caminho de melhoria da sua própria qualidade de vida.

Assente numa abordagem territorial (dois vales da freguesia de Stª Clara a Velha) e numa perspectiva de facilitadores procurou-se reconhecer/diagnosticar a situação de partida (agricultores com baixas qualificações, idades avançadas, produções marginais e um isolamento funcional exasperante) no sentido da construção de processos de valorização (económica e social) do território e dos seus habitantes.

Em oposição a uma abordagem fracturante (valorização do espaço rural pela patrimonialização do mesmo)

onde se procuram soluções imediatistas de repovoamento/recuperação estéril, esta abordagem pretende construir soluções participadas valorizando um desenvolvimento de baixa densidade sem alarmismos e concentrando esforços no saber fazer das pessoas (agricultores que temos), colocando as ferramentas solicitadas pela comunidade ao seu dispor.

Em primeira instância sentiu-se a necessidade de comercializar os produtos provenientes de uma agricultura de subsistência completamente marginais às regras (calibres) dos circuitos normais de comercialização, mas, por outro lado, de elevada qualidade alimentar (verdadeiramente biológicos mas sem certificação).

Tendo em conta a irregularidade das produções, baixas quantidades e marcada sazonalidade entendeu-se/descobriu-se a oportunidade dos circuitos curtos de comercialização. Não poderia ser um circuito curto qualquer, tinha que assentar na construção directa de laços de proximidade (confiança) entre os consumidores e produtores.

Hoje, o Cabaz da Horta, não é mais do que um “cesto de vime” (produzido por alguns artesãos locais) repleto, maioritariamente, por produtos Horto-Frutícolas (muitas vezes os cestos contêm ovos, mel e chá) provenientes das explorações agrícolas familiares (12 agricultores dos vales da Corte Brique e Corte Sevilha) que duas vezes por semana reúnem as suas produções de época, preenchem (compõem) os cestos com a diversidade de produtos possível e vêm entrega-los directamente aos consumidores (55 famílias) nas localidades de Vila Nova de Milfontes e Odemira.

Com este princípio de valorização de um saber fazer, que se encontrava nitidamente em declínio, pretende-se o início do caminho para o cumprimento do conceito de *Multifuncionalidade de Agricultura* tendo em conta que os impactes verificados são aos mais diversos níveis, a saber: Um grupo de agricultores voltou à escola (uma turma para terminar o quarto ano e outra para terminar o sexto ano de escolaridade); relações familiares e de vizinhança alteraram-se para melhor; Nítido reforço (sur-



gimento) de sentimento colectivo e comunitário; No caso de alguns agricultores os seus rendimentos mensais aumentaram significativamente (100%); existe uma clara abertura e vontade de experimentar novas soluções por parte dos agricultores (agricultura biológica, novas produções e novos circuitos de comercialização); crescente interesse por outras profissões (soluções económicas) como a valorização do património edificado, cultural e natural com fins turísticos.

Será este um sistema transferível para outros territórios? Será este um sistema solução para os problemas de despovoamento dos territórios rurais? Será isto um milagre?

Às três perguntas apetece responder que não e que sim! O que é transferível é o método participado e a abordagem territorial e de contrato para a resolução de problemas perfeitamente identificados (resolução lugar a lugar com uma visão de integração em espaços mais alargados). Não será a solução nem milagre de repovoamento mas é certamente um sistema sustentável que faz um caminho no sentido de encontrar o uso óptimo do território

*INDE/Célula de animação da rede Portuguesa LEADER II, Caderno temático IX*





## / O despique da pombinha no barranco do Martinelo

São quase cinquenta. Todos homens. Estão sentados, quase todos, e olham a máquina que os fixará para a posteridade, que registrará o dia e o momento. Muitos vestem casaco e usam chapéus de aba larga, gravata, nalguns já desalinhada, os nós a desfazer-se. Vêm-se pratos e garrafas e copos, vazios. Dois empunham guitarras, outro uma concertina. São poucos os que, hirtos e graves, posam. Nos demais há descontração, sorrisos..., um à-vontade de festa bem andada.

A velha fotografia, amarrotada, vincada, manchada aí está, como que mantendo aceso um fio de memória, mesmo fragmentada, incompleta, insuficiente para quem queira agarrar mais do momento, da situação, do contexto.

Hoje, quase 70 anos depois, num fim de tarde breve, de inverno, em S. Francisco, aldeia da serra chamada ora de Grândola, ora de S. Francisco,

que, paralela ao mar, corre para sul, prolonga-se na de Odemira e vai colar-se às serranias algarvias, na praça da aldeia, à sombra da igreja, José Simões e o irmão, Jorge, e António Caetano que se nos junta, identificam, um a um, as quatro dezenas e meia de convivas que a fotografia fixou.

Constantino da Casa Abaixo, Francisco Canhunga, Joaquim do Funchalinho, Zeferino da Casinha Nova, João e José do Moinho, Manuel das Antas, Carlos Pernéu, Henrique Peixeiro, o Chico das bicicletas que era de Grândola, António Carvoeiro, José Cortoiro, António Rufia, Policarpo Serrão...

Também a Leonor, ainda agora viva, menina de colo, nos braços do pai, Joaquim Católico, pouco antes da tragédia pessoal com que quis antecipar a morte e que permite hoje datar com razoável certeza a data da fotografia – 1935.

E por entre tão compacto cenário feito de gente, José Pedro Guerreiro, o rei do carvão ou rei dos Malhadais, poeta popular desmarcado e o irmão Manuel, o Bruxo, também poeta e fadista. Dois nomes que a memória oral, passada de geração em geração mantém até hoje como nomes maiores de uma aldeia da serra, úbere de montado de sobro, fecunda de cortiça.

Aprenderam-lhes os nomes na meninice, conheceram-nos de vizinhança, foram-lhes por várias vezes lembrados, ensinados pelos pais, pelos mais velhos. E aí estão agora, a cerzir esses fios da memória, à volta da velha fotografia, quando o dia se escoia, para que não se rompam na eternidade do esquecimento. No dia de Maio, perto da aldeia, junto ao barranco do Martinelo, encostados ao cerro da Senhora do Livramento fizeram a festa. Chamaram-lhe Festa dos Bons Amigos!

\*Colaboração de Carla Chainho, que cedeu a fotografia e trabalhou no terreno



- |   |   |   |
|---|---|---|
| 01 Francisco Maria                            | 17 Jorge do Moinho                          | 33 António Rufia  |
| 02 Constantino da Casa a Baixo                | 18 Jacintinho era de Melides e tocava viola | 34 Joaquim Católico   |
| 03 Manuel Morteiras                           | 19 Henrique Peixeiro                        | 34 a) António Caetano tocava guitarra                                       |
| 04 Jorge Romano                               | 20 António dos Santos (fadista)             | 35 Leonor   |
| 05 Alberto Raposo                             | 21 Joaquim Ventura tocava guitarra          | 36 Carlos Branco  |
| 06 Manuel das Antas                           | 22 Eduardo Feiteiro                         | 37 José Cortoiro  |
| 07 António da Costa Reis (Algarvio)           | 23 Carlos Costinha                          | 38 José dos Santos  |
| 08 Francisco (Canhunga)                       | 24 Carlos Pernéu                            | 39 Carlos Silva era fadista   |
| 09 ?  | 25 Constantino Peixeiro                     | 40 António Romano (dono da terra onde se realizava a festa, fazia cantigas) |
| 10 Joaquim Mestre ou do Funchalinho           | 26 Jacinto Caetano                          | 41 Quirino tocava guitarra e viola era de Grândola                          |
| 11 Manuel Guerreiro "Bruxo" (poeta e fadista) | 27 Raul Nunes                               | 42 José Amaro tocava viola e era de Grândola                                |
| 12 Zeferino da Casinha Nova                   | 28 Chico das Bicicletas era de Grândola     | 43 Policarpo Serrão   |
| 13 Aníbal dos Santos Carvalho                 | 29 António Morais                           | 44 José Cachopo   |
| 14 João do Moinho                             | 30 António Carvoeiro                        | 45 Francisco ou José Machado  |
| 15 António Maria                              | 31 Francisco Romano                         |   |
| 16 ?  | 32 José Pedro (Rei dos Malhadais) era poeta |   |

Como o "Bruxo" e o "Rei", outros mais também cantavam e tocavam – António dos Santos e Carlos Silva, fadistas; o Jacintinho, que era de Melides e tocava viola; Joaquim Ventura, tocador de guitarra, como um outro Joaquim, o pai da Leonor; António Rufia com a sua concertina; António Romano, dono da terra onde abancavam, que fazia cantigas; o Quirino, de Grândola, que tanto tocava guitarra como viola ou o José Amaro, também de Grândola, igualmente dado à viola.

Não era a primeira vez que o faziam, nem teria sido a última. Nesse ano, o tema do despique, porque era esse um ponto forte do ajuntamento,

era A Pombinha, apenas.

Era um tempo que não duraria muito mais. Terminaria com a desagregação das sociedades rurais e dos ritos e sociabilidades com que se construiu e moldou. Parecia ser já um prenúncio desse fim. A ausência de mulheres, o vestuário na fronteira com o urbano, o carácter grupal, masculino, do convívio entre o cantar e o tocar, o comer e o beber, mais próximo da venda e do serão, do que das velhas festas pagãs do primeiro dia de Maio, festas de raízes perdidas na noite do tempo, também chamadas das Maias, que celebravam a fertilidade e o fim da puberdade, festejando o fim da metade escura

do ano e o início dos dias grandes, cheios de luz, com a chegada da Primavera.

Nesta fotografia da Festa dos Bons Amigos, que um fotógrafo anónimo nos deixou, que as recordações de um tempo ido justificaram conservar e que a memória ainda viva minuciou e enriqueceu, converge a ideia de que a História também é isto, registo, conservação, evocação de gestos e factos pelos que os viveram, herdaram e valorizaram e que, de outro modo, se perderiam no labirinto dos quotidianos e no peso esmagador das grandes narrativas oficiais, legitimadas pelos poderosos de cada tempo.



**Apoio:**

**Câmara Municipal de Santiago do Cacém**

**Instituto Português da Juventude**

**Direcção Regional da Cultura do Alentejo**

**Crédito Agrícola - Caixa de Santiago do Cacém**

**CTT - Correios de Portugal**